

EX-LIBRIS

BORBA
MORAES

RUBENS BORBA &
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

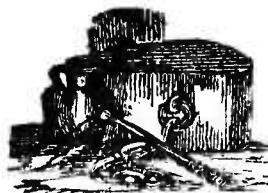
OS

MYSTERIOS DA ROÇA

POR

VICENTE FELIX DE CASTRO.

TOMO QUARTO.



GUARATINGUETÁ,

TYP. COMMERCIAL DE V. R. DA FONSECA,

rua Verde n.º 27.

1861

MYSTERIOS DA ROÇA.



QUARTA PARTE.



CAPITULO PRIMEIRO.

o hotel do Pimenta. — Um hospede titular.

Alguns dias se ha decorrido depois da sanguinolenta scena de que foi victima o aventureiro Leopoldo de Campos.

O terrivel commendador, tendo perpetrado mais esse crime, sem uma só testemunha que o compromettesse, safou-se para a sua fazenda, favorecido pelas sombras da noite.

— Estará morto o ex-professor? pensará o benevolo leitor com interesse, pela aversão natural que deve ter a este personagem da nossa historia, desejando talvez não ver o mais figurar no romance, receiando ir encontrá-lo em algum lugar urdindo uma nova intriga contra a formosa Carolina e o joven Mattos, ou formando mesmo outro projecto de raptó á galante Flór-de-Abril para assim cortar as azas d'esse anjo, tirar-lhe os effluvios de sua alma candida, manchar com mãos sacrilegas aquelle virginal collo tão puro, matar o brilho d'esses olhos negros e avelludados, retratar a tristeza no risonho e peregrino semblante da virgem onde só desabrocham as rosas da innocencia, fa-

zendo-lhe apparecer a morte no coração, e depois ainda sepultal-a nas torturas do soffrimento.

Permitta-nos, caro leitor, não tratarmos por ora de reproduzir aqui a sinistra scena, na qual João Antonio com a ira do tigre rasgára a carne do cynico aventureiro, deixando-o inerte, estendido na sala onde jorrava o sangue que lhe sahia da ferida ao lado direito do peito, descrevamos uma outra scena, tambem de interesse, que se liga á nossa novella, em que vão apparecer novas figuras, fazendo unia d'ellas um papel importante, apezar de estarmos na ultima parte da historia.

Estamos no hotel do Pimenta, situado á rua principal da cidade, que é a da Estrada [e que sempre em nossas villas e cidades essas ruas são as mais opulentas] n'essa rua, pois, lá para o fim d'ella, como quem vai para a villa de S. João Baptista, encontra-se a afamada estalagem do Pimenta.

E' uma grande casa, contendo optimos repartimentos para os viandantes, os quaes, cansados d'uma jornada incommoda, ali acham uma boa mesa e cama para compensar por algumas horas as do aborrecimento, que muitas vezes o pobre forasteiro soffre, já por um sol ardente acompanhado do pó da estrada, já pelo máo ou bom andar do animal, e já pelos cuidados que constantemente o flagellão, maxime quando o viajante tem familia e que as saudades lhe confrangem o peito.

O dono do hotel, o Sr. Pimenta, é um homem jovial, de meia idade, podendo mesmo affirmar-se *uma verdadeira cara de locandeiro*, e para o ser, esta qualidade particular do individuo actúa muito no espirito dos freguezes de qualquer estabelecimento d'este genero, e por isso muito concorre para o engrandecimento d'um hotel — a physionomia risonha do estalajadeiro.

O semblante do Sr. Pimenta é commum; porém tem o que quer que se diga; suas labias e suas maneiras atrahem o viandante; improvisa-lhe uma historia, conta-lhe algumas anedotas, e por fim o hospede fica *pelo beijo*, e o locandeiro, cheio de sorrisos e cortezias, quando chega o momento de apresentar-lhe a conta, esfregando as mãos de contente, assalta a bolsa do freguez, sem piedade alguma, protesta-lhe seus agradecimentos, pedindo ao viajante que se lembre sempre do hotel — Pimenta.

Este homem não é o unico que se gaba d'isto; elle tem muitos imitadores por esse nosso mundo de Christo.

O Sr. Pimenta é casado e com familia; o seu estabelecimento lhe tem dado alguma fortuna, e espera retirar-se delle depois que tiver ajuntado uma *meia duzia de patacas*.

Para n'uma palavra dizemos tudo ao leitor, accrescentaremos sómente que o proprietario do hotel Pimenta é um especulador e ambicioso de juntar dinheiro, com o qual pretende ainda figurar um dia, metamorphosando-se em capitalista, e por consequencia espera ser um *grande homem*.

Este estabelecimento, como já dissemos, é muito frequentado, não só pelas boas commodidades que ahi se encontram, como porque tem um optimo bilhar, onde constantemente se joga a *carambola franceza*.

Ha tambem n'essa casa um armazem de ruycos e molhados, cuidadosamente sortido, accrescentando um grande riacho, no qual apparecem sempre tropas mineiras com generos comestiveis, augmentando assim o commercio da cidade.

O Sr. Pimenta está sentado na porta principal de sua estalagem, fumando o seu cigarro, muito a seu gosto, recostado em tosca cadeira de páo, ouve o bater das bolas pelos jogadores do bilhar, como em distracção, e tomando a vi-
ração fresca de uma bella tarde de Outubro.

Um viandante, vindo do lado da villa de S. João Baptista, acompanhado de seu pagem vestido de libré, tocando um animal solto e outro com canastrinhas, pararam defronte do locandeiro.

Este, encarando o recém-chegado, o qual pelo traçar denuncia ser talvez algum homem importante, diz logo, levantando-se e mostrando a satisfação no semblante:

— V. S. tenha a bondade de aprear-se; temos excellentes commodos e tudo o mais que precisar. Olhe V. S., este hotel é afamado; e nenhum outro lhe leva a palma; diz o adagio, senhor, que louvor em bocca propria é vituperio; mas deve-se fazer justiça ao seu proprietario que, caprichoso, percebendo mui limitado lucro, conserva com sacrificio o estabelecimento, mirando sómente e bem geral dos viajantes...

— Bem, senhor; tenho-o entendido, responde o cas-teiro, apeando-se do animal com ares de um verdadeiro homem de côrte.

— V. S. queira ter a bondade de acompanhar-me, volve o Sr. Pimenta dirigindo-se para uma pequena sala com duas alcovas, decentemente mobiliada; aqui V. S. pode estar em toda sua liberdade.

— Obrigado, senhor, disse o hospede dando ordem ao seu pagem para que ahí trouxesse as canastrinhas.

O Sr. Pimenta, tendo deixado o seu novo freguez, volta alguns momentos depois a perguntar-lhe o que queria para o jantar.

— Sr., eu tenho alguma disposição, e por isso aquillo que estiver prompto faça-me o favor de mandar pôr na mesa.

— V. S. vai ser já servido, murmurou o locandeiro no tom o mais officioso, indo para o interior da casa.

O viajante, ficando só, chamou o seu pagem para tirar-lhe as botas envernizadas, e calçando depois uns chinellos de tapete, recostou-se n'uma marquezia de palhinha, como

quem pensava. Passado alguns minutos, disse puchando o relógio :

— Faltão cinco minutos para as seis, e não vejo signal do jantar.

N'esse mesmo instante appareceu um menino asseiado, de rosto bonito e risonho, todo *pernostico*, mostrando ter quatorze para quinze annos, o qual, desdobrando uma alva toalha de linho, a estende sobre a mesa collocada no meio da sala.

— V. S. está com disposição para comer, não? perguntou elle com ousado desembaraço encarando o personagem.

— Sim, meu menino, anda depressa ; traze-me logo o jantar.

— Já n'este momento, meu senhor, eu volto.

O caixeirinho do hotel desapareceu no mesmo instante.

— Este pequeno parece-me um refinado maroto; os seus olhos justificam isso; é provavel que conheça todo povo d'esta cidade.

D'ahi a pouco o menino voltava, acompanhado de um molequinho, trazendo ambos o jantar do hospede, constando de cinco pratos, tudo com o melhor cheiro e asseio possivel, não faltando a garrafa de excellente vinho do Porto.

— Está na mesa o jantar, senhor, disse o caixeirinho cunhando-se ao viajante.

O Sr. Pimenta appareceu na sala, vindo de dentro.

— Eutão, V. S. foi servido com brevidade?

— Pontualmente, volve o hospede sentando-se á mesa.

— O jantar podia ser melhor se V. S. não estivesse com pressa, acrescentou o locandeiro sempre officioso.

— Contento-me com isto, senhor.

— Pondero a V. S. que o vinho é optimo, porque já tem alguns annos de descanso, murmurou ainda o Sr. Pimenta.

O hospede nada respondeu e se pôz a comer:

O menino retirou-se e o molequinho servia ao forasteiro.

— V. S. conceda-me licença, tenho outros deveres a cumprir; logo voltarei.

O personagem apenas sacudiu a cabeça em signal de assentimento.

Elle principiou a comer com appetite..

O Sr. Pimenta dirigio-se para dentro.

Aproveitemos esses instantes para darmos aos nossos leitores o retrato do viajante, o qual vai entrar na nossa historia.

E' um homem de trinta e seis para trinta e oito annos, alto, cheio de corpo, porém de uma figura varonil, semblante nobre e moreno, cujos traços característicos denotam intelligencia. Seu trajar é grave, mas nem por isso deixa de ser á moda.

Logo á primeira vista conhecer-se-ha que este personagem occupa uma elevada posição na sociedade, e de facto assim o é, porque estamos tratando do barão da Rocha-Negra, rico proprietario, morador na cidade de J., cidadão importante pelas bellas qualidades de que é dotado.

Este titular viagea simplesmente como qualquer homem do povo; não ostenta grandeza alguma, antes se conserva no incognito para não ser incommodado por importunos adultores, essa gente baixa que se curva ao servilismo ante o poder dos ricos e titulares.

O barão da Rocha-Negra é viuvo, e o titulo lhe foi conferido pela esmola de vinte contos de reis por elle feita ao hospital dos alienados, recompensa muito justa do governo, porque, independente d'isso, o commendador Affonso de Mello devia ser agradecido com essa distincção mais elevada, por ser um cidadão prestante e muito probo.

Affonso deixou de assignar esse nome desde a data de

sua nomeação de barão em 1854. Elle não teve filhos com sua mulher que fôra arrebatada pela morte dois annos depois do seu consorcio; a riqueza que possuia provinha-lhe da herança de seu fallecido pai, o abastado fazendeiro Jeronymo de Mello, que soube dar ao filho uma boa educação, mandando-o depois viajar pela Europa, onde Affonso estivera um anno.

O barão fallava bem o francez, porque passára alguns mezes em Paris.

Agora que o leitor já conhece este novo personagem da nossa historia, prosigamos na scena que interrompemos.

O titular, tendo jantado á sua vontade, tomou aromatico café, cuidadosamente preparado, serviço em que se primava no hotel do Sr. Pimenta.

Este viera depois contar *suas historias* ao seu hospede, não podendo porem saber com quem tratava, se com democrata ou aristocrata.

Alguns minutos depois, o barão ficando só, recostou-se na marquezia, como se entregando a algum pensamento.

N'essa attitude estava quando o menino do hotel lhe veio perguntar se não precisava de mais alguma cousa.

— O meu pagem já comeu, pequeno!

— Sim, senhor, a faltar.

— Bem, e os animaes estão em bom pasto?

— Excellente, senhor; além d'isso deram conta de uma boa ração de milho, disse o caixeirinho com visos de capacidade.

— Dize-me uma cousa, menino: tu conheces o povo d'esta cidade? perguntou o barão sorrindo como se dêsse ao pequeno toda a confiança de entreter com elle uma conversação.

— Oh lá! se conheço, senhor! conheço a todo mundo.

— És portuguez?

— Tenho essa honra, senhor; sou natural da cidade do Porto, patria de alguns poetas e romancistas, respondeu o menino possuido de justo patriotismo.

— Ah! tu gostas dos poetas?

— Muito, senhor, e tanto que conheço o Sr. Faustino de Novaes e o Sr. Camillo Castello Branco, meus patricios.

— Em que anno vieste para o Brasil.

— Em 185...

— Estás aqui então ha dois annos?

— Sim, senhor.

— Que tempo estiveste no Rio de Janeiro?

— Apenas dois mezes.

— E depois?

— Vim para este hotel como caixeiro, senhor, onde me tenho dado bem, porque, depois de servir os freguezes e os hospedes da casa, recolho-me ao meu quarto e lá passo algumas horas a ler os versos satyricos e interessantes do Sr. Novaes e algumas paginas de romances do Sr. Castello Branco, homem de grande talento, senhor! se eu pudesse algum dia ser assim como estes senhores!

— Ah! tu pensas tambem n'isso? inquiré o barão com sorriso affavel e sympathisando com o menino.

— E porque não, senhor? se eu gosto tanto de ler.

— Teus pais são pobres?

— Muito, senhor, e por causa d'isto eu vim para o Brasil viver de caixeiro.

— Tens vocação para os estudos?

— Tenho, senhor, tanto assim que estou aprendendo o francez comigo mesmo, e de vez em quando tambem faço o meu versinho desenxabido, porém não o mostro a ninguem.

— Tu m'o has-de mostrar.

— Ora, meu senhor... eu tenho vexame... nada sei... murmurou o menino hesitando.

— Se eu t'opeço... olha, poderei servir-te ainda muito, accrescentou o barão em tom bondoso e sentindo crescer a sua sympathia pelo caixeirinho.

— Pois bem, senhor, logo lh'o trarei, mas desde já rogo-lhe que não faça cassoada do meu verso.

— Tranquillisa-te, apenas te farei algumas observações se a tua poesia d'isso precisar. Dize-me agora o teu nome.

— Chamo-me Alfredo de Andrade.

— Bem, Alfredo; demorarei-me uns dias n'esta hospedaria e teremos muito tempo para conversar sobre a tua vocação pelas letras. Vou-te fazer outra pergunta: conheces n'esta cidade a um pobre velho enfermo, que se chama Simão Rodrigues?

— Conheço, senhor, e tambem a sua familia, que é amparada pelo Dr. Luiz Alvares, medico d'este lugar.

— E não sabes se esse velho tem tido melhoras na sua enfermidade?

— Dizem, senhor, que o Dr. Alvares o está tratando com algum aproveitamento.

— E' verdade que Simão tem uma neta muito bella?

— A Flôr-de-Abril?... oh! senhor! é uma menina muito linda; eu já a vi duas vezes.

— Ah! é muito linda? perguntou o barão cheio de interesse.

— Sim, senhor, e além d'isso é...

* Alfredo não completou a phrase, porque um moço que jogava o bilhar na sala defronte em cuja porta entreparando um instante, fixou o barão e correu para elle com os braços abertos, exclamando com a maior surpresa:

— Tu aqui, Affonso?!...

— Ernesto?!...

E ambos se abraçaram fraternalmente.

CAPITULO SEGUNDO.

Os dois amantes. — Um quadro sinistro.

A bella Carolina está em sua casa na cidade, tendo vindo da fazenda de seu pai, onde passára algum tempo, durante o qual o seu querido Epiphânio estivera foragido como criminoso na morte do negociante.

Estamos na mesma tarde em que descrevemos o capitulo antecedente.

O benevolo leitor que nos releve não lhe darmos a continuação d'aquelle encontro inesperado do barão da Rocha-Negra com Ernesto, esse nosso honrado joven, amante de Flôr-de-Abril, que viôra ao hotel distrahir-se alguns instantes do seu amor por Maria, jogando uma partida de bilhar, e por isso nos parece mais conveniente tratarmos da linda viuva, deixando por emquanto o Sr. da Rocha-Negra na hospedaria do Sr. Pimenta, nos braços d'um bom amigo.

O crepusculo da tarde já vem apparecendo, e a sua tristonha sombra vai envolvendo a terra pouco a pouco, tocando compassadamente os sinos da cidade as horas santas da Trindade.

Carolina acha-se no seu aposento, sentada em uma cadeira de braços, defronte de seu amante, que, extasiado, aperta docemente nas suas as niveas mãos da bella viuva.

— Querida de minh'alma, balbuciou Epiphânio tendo o coração transbordado de suavissimo prazer; não te posso pintar vivamente as saudades crueis que me torturáram a alma quando, forçado a ausentar-me de ti pela calumnia

que me armáram, lá na chacara das Palmeiras, via, amargurado, succederam os instantes, os minutos, as horas, os dias, sem que me fosse dado acolher um teu encantador sorriso para que elle suavisasse o agro soffrimento de meu peito com essa doçura infinda que a natureza te prodigalisou: vivia com a tua seductora imagem, que não se retirava um só momento de minha idéa; ella me alimentava, parecia mesmo descortinar-me um futuro de flôres e delicias; dava-me dourados e inebriantes sonhos... oh! Carolina! anjo da minha existencia! tu não podes bem comprehender a extensão de meu amor! não pensas que um jóven quando se entrega ao frenesi da paixão, soffre horrivelmente ausentando-se do seu bem amado; as horas do silencio lhe parecem seculos, e triste se consome nas torturas da incerteza: ora como que vê um rival querendo roubar-lhe a sua doce esperança para precipital-o nas loucuras do ciume, ora se lhe afigura que a bella feitura de Deos —essa sublime poesia do mundo, que é a mulher que se adora— olvidando-se do extremoso amante, cahe no arrefecimento do amor e....

— Epiphanio! Epiphanio! não falles assim, murmurou Carolina com suave inflexão de ternura; pois tiveste semelhante pensamento? não vês no meu semblante o que se passa em meu coração? elle que palpita só por ti, treme e se agita convulso quando uma lembrança cruel, máo grado meu, vem ferir-me a idéa? E's injusto, Epiphanio, e desconheres o puro sentimento que domina minha alma!

— Carolina! Carolina! perdôa-me! ajunta o mancebo com emoção, fitando a sua querida; eu tive, é verdade, esse pensamento... porém o que queres? quem é capaz de vencer-se quando é assaltado da paixão desesperada do amor? E de mais actuava-me ainda na mente uma idéa terrivel... aquella figura repugnante de João Antonio ap-

parecia sinistra nos meus sonhos de felicidade, e então toda a poesia que embellezava esses sonhos e extasiava a minha existencia, se desvanecia qual nuvem de ouro desfeita no horizonte pelo sopro de rijo vento... sim, minha cara amiga, desde essa occasião em que o infernal commendador tentou forçar-te para satisfazer a sua luxuriosa hallucinação, eu temia sempre por ti, e a cada momento escapava-me do peito um suspiro silencioso, porém muito eloquente que te enviava nas azas da saudade.. e, pois, Carolina, os cuidados me ralavam a alma; e agora que estou contigo, que ouço a tua voz, como o modular de uma harmoniosa harpa entoando hymnos de amor, que me parecees um anjo na terra, vou dizer-te que dentro em pouco serás minha, minha para sempre, perante Deos e os homens.

— Oh! meu amigo! que felicidade não será a nossa! articulou a moça com doçura e fixando novamente a physionomia de Epiphanio.

— Sim, querida de minha alma, proseguio o joven Mattos na mais terna contemplação; de amanhã em diante tu serás minha esposa; o ministro de Deos ha-de abençoar a nossa união... já tudo preveni.

A linda viuva, erguendo-se com a maior presteza da cadeira, tomada de immensa alégria, aperta a Epiphanio sobre o peito que lhe arquejava, e diz com voz tremula de emoção.

— Deos me ha-de perdoar, meu amigo, esse peccado que commetti, entregando-me a ti pela cegueira do amor. O casamento, tão sagrado como é, lavarà a mancha de minha alma na pureza do arrependimento e me fará uma esposa fiel, dedicada e digna da amizade do consorte... sim, Epiphanio, tenho viva fé na bondade do Ente Supremo e espero ser muito feliz contigo; e para que creias que fallo do intimo do coração, aqui te deponho na frente o symbolo

de um juramento que n'esta hora faço perante o mesmo Deos que nos ouve.

E assim fallando, a moça collocou os rubros labios na frente do mancebo, accrescentando ainda com emoção :

— E' o beijo de um amor intenso, mas não criminoso... é o beijo da esposa sincera.

Epiphanio, transportado nas azas da sensibilidade, apertando a Carolina nos braços, murmurou :

— Sim, minha doce amiga, amanhã terás esse titulo sagrado, e tomo a Deos por testemunha !

Emquanto os dois amantes se confundem nos extasis d'esse terno, profundo e reciproco amor, ouve-se de repente um ruido de passos na sala contigua, e no mesmo instante o joven, largando da formosa viuva, sobresaltado, encontra-se á porta do aposento com dois homens desconhecidos, os quaes immediatamente tentam entrar no quarto ; mas Epiphanio, tomando a dianteira, só pensa em defender a sua Carolina, temendo que taes homens a acommettessem, no entanto não tinha uma arma comsigo que o livrasse de qualquer aggressão.

Esses individuos pareciam trazer lenços amarrados sobre o rosto, e o mancebo não os podia reconhecer.

Os dois amantes que se haviam entregado á doce embriaguez do amor, esqueceram a noite, cujas sombras já envolviam tudo, favorecendo qualquer sinistro projecto que contra elles tivessem em vista, por isso foi facil a surpresa que os collocou em terrivel posição.

Epiphanio, pensando rapidamente n'isso, encarou o perigo da situação e vacillou um momento por se achar desarmado ; mas, revestindo-se de animo, delibera vender muito cara a vida para assim escudar a sua futura e querida esposa.

Esta, quasi succumbida, havia cahido sobre o seu leito, defronte a porta onde paráram os desconhecidos.

— Está no apá, patrão! disse uma voz imitante á do Capador.

— Oh! cá está o boneco! resmungou outra voz arrogante, parecendo ser a de João Antonio; coze-lhe a faca, homem! o que esperas?

— Se dér um passo, morre! aaudio o joven com firmeza, reco-rendo a uma estrategia; o primeiro que se atrever a entrar leva uma punhalada!

— Eh! eh! patrão! o bicho está no *cotucum!*

E no mesmo instante Epihanio sentio-se agarrado por punhos de ferro; todavia, procurou ainda defender-se.

Foi uma luta de momentos, porém terrível.

O mancebo ficou vencido pela força de seu adversario, cahindo no pavimento e dando um gemido profundo, como se fosse ferido mortalmente.

— Patrão, o fedelho coxilou no capim! agora o passarinho está na unha, palavra!

E esse homem, chegando-se immediatamente á desditosa viuva que estava desfallecida sobre a cama, apoderou-se d'ella e desapareceu do quarto, desaparecendo tambem aquelle cuja voz parecia a do commendador João Antonio.

Epiphania não fazia um movimento.

Dir-se-hia ter elle succumbido na luta, da qual o raptor de Carolina sahira victorioso.

No cabo de cinco minutos, durante os quaes houve completo silencio, um terceiro individuo appareceu ahi, todo embuçado n'uma capa.

Vendo esse vulto estendido diante de si, abaixou-se para apalpal-o, pois que o escuro da noite não lhe permittia distinguir quem fosse; e tocando no corpo do mancebo, murmurou com accento entristecido:

— Temos por certo uma pessoa ferida, cumpre-me reconhecer-a e prestar-lhe algum soccorro.

E assim fallando, esse homem, munido de phosphoro, procura com presteza por alguma cousa; no mesmo instante vio uma commoda, e abi toma um castiçal com vela de espermacete, a qual accende.

A luz derramou-se pelo aposento, e então pôde o individuo examinar quem era a victima que ali havia succumbido.

— Epiphanio de Mattos! exclamou elle com assombro; e o pobre moço acha-se ferido, e quem sabe se morto.

E curvou-se a ver em que lugar estava elle ferido, por isso que o peito da camiza do joven estava todo tinto de sangue.

O infeliz havia cahido de costas; seu semblante tinha a pallidez da morte; seus olhos estavam fechados e a bocca, semi-aberta, não dava signaes de vida.

O desconhecido não é outro senão o nosso generoso personagem, aquelle que já havia livrado a linda Carolina das garras de João Antonio, e que desmoronára a intriga formada pelo aventureiro Leopoldo contra o amante d'essa joven, innocentando-o perante a justiça do crime que lhe imputáram, tendo por acaso passado pela rua onde morava a viuva, encontrára-se com dois vultos que caminhavam apressados, e como que vira que um d'elles levava o que quer que fosse, parecendo-lhe mesmo ver um vestido branco de mulher que fluctuava ao vento; então rapido pensamento illuminou-lhe a idéa: a figura sinistra de João Antonio e o retrato bello de Carolina se lhe apresentáram á lembrança; e com presteza correu a certificar-se se com effeito seus sentimentos sobre o rapto da desditosa moça eram exactos.

Percorreu n'um instante a sala de dentro, passando depois por uma porta que dava accesso a um quarto e d'esse

foi para o aposento da viuva, onde com o maior sentimento viu o corpo inanimado, que em sua mente julgava ser o de Epiphanio.

Assim, pois, havendo reconhecido o mancebo, o nosso mysterioso personagem encontrou logo o ferimento d'uma pollegada de extensão ao lado direito do peito, do qual sahia o sangue do infeliz joven.

— E' mais uma victima d'aquelle monstro de João Antonio, disse o desconhecido em tom lastimoso; porém longe não está o dia em que a justiça, exercendo a sua acção, vingará a sociedade, punindo o malvado.

Fallando assim, o personagem teve toda a convicção de que o commendador havia commettido esse grave delicto, raptando ainda a bella Carolina, porquanto era muito natural que os dois amantes estivessem entretidos em doce colloquio, no qual fôram surprehendidos por aquelles assassinos que não acháram obstaculo algum em executar um tão nefando crime.

Lembrou-se o generoso personagem de correr á casa da autoridade policial, relatar-lhe tudo e pedir-lhe seu auxilio para perseguir os criminosos; porém cumpria em primeiro lugar soccorrer a pobre victima, chamando um medico que escrupulosamente sondasse a profundidade do ferimento e prestasse-lhe a sua sciencia.

E levando a mão ao coração do infeliz mancebo, sentio que elle dava signaes de vida; e com presteza dirige-se para dentro no intuito de achar uma vasilha com agua e alguns pannos que servissem para ligal-os ao ferimento e estancar-lhe o sangue.

E de feito na sala de jantar encontrou o que precisava.

Munido de duas compridas toalhas e agua, o personagem voltou para junto do desditoso Epiphanio e procurou

lavar-lhe o sangue que se derramava pelo peito, o que fez com o maior cuidado.

Tudo isto que vimos de expender, se passou rapidamente.

O joven não estava morto, porque logo que sentira a agua fria sobre o ferimento, teve ligeiro tremor, como se quizesse despertar de um lethargo.

— Está vivo! disse o desconhecido com certa inflexão de alegria; não me enganei.

E com algum trabalho atou a toalha sobre o peito do pobre moço, que pouco a pouco foi dando acôrdo de si.

Dois minutos depois elle abria os amortecidos olhos, mas não tinha força para articular uma palavra.

O desconhecido achava-se em terrivel estado de perplexidade, tanto mais quando ninguem apparecia que o coadjuvasse no louvavel empenho de salvar o joven amante; mas uma idéa subita veio arrancar-l-o de semelhante estado: lembrou-se de que na casa da viuva havia um famulo activo, e que poderia d'elle aproveitar-se para mandar vir um medico que corresse em soccorro do pobre enfermo, e então, dirigindo-se ao interior da habitação, disse ao famulo, que nesse momento voltava da roça, tendo cumprido a ordem de sua senhora:

— Sabes onde mora o Dr. Luiz Alvares?

— Sim, meu senhor, balbuciou o famulo olhando para o desconhecido todo medroso e não sabendo explicar o que via.

— Pois então corre á sua casa e dize-lhe que venha depressa acudir a um moço que levou uma punhalada e está em perigo de vida.

O famulo que era de boa condição, não compreendendo o que isso fosse, sahio immediatamente a cumprir as ordens do personagem.

Este, tendo posto o infeliz mancebo sobre o leito da linda viuva, com o maior cuidado o observava.

No cabo de alguns segundos, Epiphanio abriu a bocca e fallou com voz desfallecida, como se tornasse d'um desmaio :

— Graças, meu Deos! ainda tenho vida... oh! sim... quero viver!

E affirmando os olhos amortecidos no rosto do seu generoso protector, fez um esforço para levantar-se, porém as forças lhe faltáram, apenas poudo tocar a mão bem-fazeja d'aquelle homem que lhe prestava tão grande beneficio, accrescentando com difficuldade :

— E' a Providencia que o encaminhou aqui...

— Sim, meu joven amigo, foi a Providencia.

— E Carolina...? onde está ella?... interrogou o mancebo com visivel anciedade.

O desconhecido hesitou um instante em responder ao joven, mas este, fitando-o, pareceu silenciosamente repetir a pergunta.

Então o personagem balbuciou :

— Foi raptada por aquelles malvados, porém... socegue... eu...

— Será possível! disse Epiphanio com amargura e fazendo novo esforço para levantar-se.

— Não pense agora n'essa joven, meu amigo; tenha confiança em mim; ella lhe será restituida amanhã... ou depois, respondeu o desconhecido com bondade; tenha paciencia, qualquer movimento que faça lhe é prejudicial.

— Eu espero, senhor, porém aquelles assassinos poderão....

E a phrase expirou nos labios descorados do moço porque o excesso que havia feito para fallar com o desconhecido, lhe occasionou um novo desfallecimento, cerrando logo as palpebras.

— Isto já eu previa, murmurou o mysterioso amigo de Mattos; mas isto não será nada: o ferro que lhe ferio o peito não offendeu por certo os orgãos da vida. Esperemos no entanto o medico.

E o homem sentou-se n'uma cadeira, junto ao leito, velando pelo joven.



CAPITULO TERCEIRO.

Horriavel situação. — O soccorro da Providencia.

E' o dia seguinte ao em que patenteámos ao leitor a scena horriavel que se déra no aposento da bella Carolina.

O medico fôra pontual, acudindo ao chamado do nosso mysterioso personagem.

Do exame que fizera no mancebo conhecera que a sua ferida não era mortal, e por consequencia dentro de poucos dias estaria restabelecido, tendo um tratamento regular, declaração essa, que muito alegrou o protector de Epiphanio.

A noticia de semelhante attentado circulou logo pela cidade.

Seriam oito horas da manhã, quando o subdelegado Apollinario apresentou-se em casa da viuva, em companhia do escrivão João Rodrigues e de outras pessoas que curiosas os seguiam.

A autoridade procedeu o respectivo corpo de delicto; e interrogando ao joven Mattos sobre o facto do qual tinha sido victima, esse não lhe pode informar quem eram esses individuos; porém que cismava que tal attentado havia sido feito por mandado do commendador João Antonio, que por mais de uma vez procurára raptar a viuva do Guimarães.

Apollinario ficou surprehendido ao ouvir isso, tendo-lhe tambem affirmado o desconhecido que a suspeita do

joven era bem fundada, e que em tempo opportuno João Antonio seria denunciado á justiça como autor de grandes crimes.

O subdelegado estava na maior incerteza : não sabia o que pensasse sobre o commendador; já aquelles bandidos, apaniguados do commendador, haviam muito concorrido para a ruina do terrivel titular, denunciando-o ao juiz municipal do termo, e este, não se curvando a empenhos, tratava de processal-o, portando-se com a maior circumspecção em tão importante facto.

Apollinario esperava ter uma conferencia com o mysterioso personagem, de quem contava saber alguma cousa respeito a esses crimes do commendador, para desta maneira favorecer ao seu amigo, prevenindo-o de qualquer surpresa que por ventura lhe apparecesse da parte da justiça.

— João Antonio anda envolvido em mysterios, disse comsigo o subdelegado; e parece-me que cedo teremos de ver muita cousa... a injustiça que por seu empenho fiz a este joven; aquella historia que me contou o Jacarandá ácerca da escriptura passada a Leopoldo de Campos dcando-lhe a metade de seus bens para possuir a viuva do Guimarães, e... não ha duvida que elle fez ao pobre aventureiro o que quer que fosse, porque este não se mostra na cidade, ha quinze dias que não o vejo... tudo isto é mysterio... estou convicto que essa linda Carolina acha-se em poder do tal meu amigo, a quem cumpro-me, no entanto, prestar-lhe os meus serviços para recompensar-me com a terça do seu testamento.

Eis o pensamento que tivera Apollinario emquanto o escrivão João Rodrigues escreveu o auto.

As peccas que se acháram presentes, ficáram estupefactas e não comprehenderam o motivo pelo qual havia sido ferido o pobre mancebo, não se acreditando que o

commendador fosse capaz de mandar assassinar o amante de Carolina, e nem tão pouco de raptal-a, julgando-se isso um impossivel, visto como a louca paixão de João Antonio só era confiada a Leopoldo de Campos, e por conseguinte não se sabia na cidade se realmente João Antonio amava a formosa viuva, amor esse que, se se divulgasse, por certo provocaria o riso do escarneo entre os adulares e conhecidos d'esse máo homem. Como era publico que Epiphanio amava a linda moça, conjecturáram que n'aquelle crime perpetrado havia um mysterio; e que esse seria talvez tramado por algum rival ou inimigo do inancebo, procurando-se a sua morte mesmo em casa de Carolina.

O nosso personagem, no entanto, que de tudo sabia e parecia espiar os passos de João Antonio, escutava o *ruge-ruge* d'essa gente, e não deixava um só instante o leito do paciente, que lutava com a febre, incommodo que sempre apparece em casos de ferimentos ou espancamentos graves.

Fabricio, esse bom e dedicado amigo, logo que teve noticia de tão triste successo, correu a ver Epiphanio, patenteando-lhe os seus justos pezares e prodigalizando-lhe todos os cuidados, não largando a cama do infeliz joven.

Apollinario, depois de ter cumprido o seu dever, retirou-se, dizendo que ia tambem tratar de pesquisar o rapto da viuva, mandando *sondar* a fazenda de João Antonio.

Após do subdelegado retiráram-se todos esses individuos curiosos, alguns dos quaes commentavam o facto ao bel-prazer da phantasia; mas não lastimavam a policia da cidade que, relaxada, deixava livremente os malvados

e assassinos commetterem horrorosos crimes, como mais de uma vez já temos demonstrado aos nossos leitores.

Ha algumas ruas na cidade de *** que das *Ave-Maria* em diante tornam-se desertas; porém são aquellas de pouco ou nenhum commercio, apenas tendo duas a tres casas de negocios, distante umas das outras, e por conseguinte o punhal do sicario pode fazer um homicidio sem que hajam testemunhas e sem que em nome da lei se faça prender o perverso, o qual busca as sombras da noite para pôr em obra negros e terriveis projectos.

Ora, sendo a casa da viuva do Guimarães n'uma d'essas ruas, por isso os dois individuos, não tendo o menor receio, invadiram essa habitação, praticando o attentado já por nós referido, zombando-se assim da justiça que era — o ludibrio da gentalha.

Cabe-nos aqui orientar ao leitor que a bella Carolina tinha vindo da fazenda de seu pai, no dia antecedente ao em que reproduzimos a sinistra scena que na sua casa se déra. E tendo ella a sua mucama e um outro escravo, os quaes eram bastantes para o serviço de sua casa, ordenára a viuva a esse preto que fosse á roça buscar certos generos que lhe faltavam e que os não achava na cidade: assim ficára só em companhia da escrava, a qual tinha sahido n'essa occasião do delicto á rua, sem nada participar á sua senhora.

Não nos occupemos por ora de Epiphanio, nem do seu dedicado e mysterioso protector, e sigamos os raptos da desditosa viuva, os quaes eram o proprio João Antonio e o malvado Capador, que se refugiára na fazenda do commendador logo que tivera noticia da prisão de seus consocios Feiticeiro e Cabelludo, livrando-se assim de ser capturado.

João Antonio, estando na cidade, soube que a viuva-

do Guimarães já se achava em sua casa, não tendo outra companhia senão a de seus escravos, e portanto concebera logo a idéa de raptal-a, o que faria sem a menor dificuldade, apalavrando para isso o ex-capanga Gonçalo.

E defeito assim o fez: sahíram á tardinha da fazenda, montados em bons animaes e armados se dirigiram á cidade, na entrada da qual, n'um capão de malto que havia, esconderam ahí os seus cavallo, e alguns minutos depois esses homens estavam á rua onde morava a viuva do desgraçado Guimarães.

A noite era escura, e assim apenas encontráram uma e outra pessoa que passava: isso favorecia o projecto do commendador, que chegou á porta da casa de Carolina, sem o menor incidente.

'Por via de duvidas, antes de ahí parar, João Antonio e o Capador amarráram lenços escuros sobre a cabeça e o rosto para serem desconhecidos.

Elles entráram na casa da viuva e executáram o seu malevolo intento, não havendo pensado o Capador em perpetrar mais um crime, pois que julgára que ahí não encontrasse outra pessoa senão a linda moça: elle não se lembrára de Epiphanio.

E, pois, o bandido conhecendo logo o infeliz moço, tomára a sua desforra, embebendo-lhe um punhal sobre o peito, vingando-se assim d'aquella occasião em que o joven, no portão do quintal do Guimarães, livrou a sua amante das mãos de ferro do Capador.

Duas horas depois a desditosa Carolina se achava na fazenda do terrivel João Antonio.

Imagine o leitor qual não seria o terror da pobre viuva quando ao voltar do seu desmaio, achou-se nos braços d'aquelle malvado que a levava sobre o animal, o qual

gallopava por caminhos que lhe eram estranhos, distinguindo apenas um vulto a cavallo, que adiante de si tambem gallopava.

A infeliz moça teve um cruel pensamento.

A figura repugnante e sinistra do commendador mostrou-se á mente de Carolina.

Quiz gritar e pedir soccorro, mas logo foi acommettida de novo desmaio, não tendo forças para vencel-o.

Quando deu acordo de si, achava-se em um quarto fechado, deitada sobre uma pessima cama, em cujo quarto ardía uma vela de sebo em castiçal de latão.

A infeliz moça, vendo-se só n'esse lugar, tremeu de medo; porém, fazendo um inaudito esforço, poude levantar-se, e então cobrindo-se de animo foi com passos vacillantes á porta do quarto que se achava trancada; mas examinando-a rapidamente não encontrou ahi a chave na fechadura.

Um ligeiro calafrio percorreu n'um instante os membros delicados de Carolina.

— Estou perdida! murmurou ella com angustia; esta casa por certo pertence a esse maldito homem, cuja figura me horrorisa... quem me ha-de aqui soccorrer? quem? elle deve ter comsigo os seus capangas, e assim meus rogos, meus lamentos serãõ inuteis... na situação terrível em que me acho só Deos me poderá valer.

E a desditosa joven, sentando-se na cama, ficou aniquilada, levando ambas as mãos á bella cabeça, cujos cabellos desprendidos estavam no mais encantador desalinho.

¶ Alguns momentos se escoáram.

A moça, como que tendo uma subita idéa, exclamou de repente com voz convulsa.

— Ah! meu Deos! se eu achasse aqui um ferro! ao menos preferiria a morte, não sendo assim forçada por tão horrível monstro.

E como delirante a infeliz procurou por todo o quarto o ferro de que se lembrára, porém apenasahi haviam alguns trastes velhos, como dois tamborettes, uma caixa e umas esteiras enroladas.

— Estou perdida! repetio Carolina torcende as mãos com dolorosa anciedade. Epiphania... coitado! tu não sabes o que é feito da tua desgraçada amiga que está prestes a succumbir nas mãos de um perverso, d'aquelle inimigo que buscou perder-te criminando-te! Se os malvados te feriram... oh! horrivel lembrança... não, não é possível! aquelles homens só procuravam por mim, e por conseguinte não te fariam mal algum... Meu Deos! meu Deos! livraime d'esse maldito João Antonio! tende piedade de mim! eu vos supplico de joelhos!

E a moça, soluçando como uma criança, ajoelhou-se, pondo as mãos, cheia de fé e esperança, pedía o soccorro de Deos.

Ella que até ahi estava dominada pelo terror, sentio no momento da supplica reanimarem suas forças, e como que parecia ouvir n'alma uma voz que a vinha salvar, julgou logo que isso era effeito de sua imaginação; mas no mesmo instante ouviu o ruido d'uma chave na fechadura.

Carolina tremeu de medo, porém lembrando-se da summa bondade de Deos, com a maior fé e esperança, avançou-se para a porta, como disposta a arrostar o perigo para escapar das mãos do terrivel commendador que a torturava.

N'esse instante de incerteza a porta se abre sem estrepito, e a figura de uma mulher se desenha no limiar.

A pobre viuva ficou surprehendida esbarrando com aquella mulher em lugar do commendador.

— Mecê me acompanhe que está salva, disse Catharina vindo em soccorro de Carolina; eu vi tudo... tudo...

— Será possível, meu Deus! será possível! balbuciou a moça com grande emoção, contemplando a sua salvadora que lhe parecia um anjo enviado pela Providência.

— Mecê não falle e ande depressa emquanto aquelle *canhão* está lá fóra; ande, ande... senão...

A viuva não hesitou um só instante e acompanhou a *caseira* de João Antonio, certa de que este soccorro vinha do céu.

Seu coração batia fortemente e parecia-lhe a cada momento encontrar-se com o terrível homem.

Alguns segundos depois as duas mulheres se achavam no caminho que ia ter á cidade.

Os gallos já principiavam a cantar na fazenda.

Deixemos Carolina fugir apressada, acompanhada de Catharina, e tratemos de seu perverso raptor.

Este, logo que chegára ao seu sitio, com a maior cautela fez depositar a infeliz moça, ainda desmaiada, sobre a cama d'aquelle quarto que já descrevemos; e para que a sua *caseira* nada visse, teve a idéa de fechar a porta com chave e tiral-a, deixando ali a viuva desfallecida, até que pudesse executar um negro pensamento que tinha na idéa.

Fez pouco caso do incommodo de Carolina, julgando que um *faniquito* não era para dar cuidados.

Premeditava o assassinato de Catharina...

— Esta maldita mulher pode fazer-me um grande mal, dizia João Antonio consigo; pode perder-me assim que pescar que ha *gente nova* em casa... sim; a moça, bonita como é, lhe dará muita *canella*... e... não estarei seguro tendo aqui esta cabocla... melhor é desfazer-me d'elia, e isto nada custa... é n'um abrir e fechar d'olhos...

E com esta horrível lembrança dirigio-se ao seu aposento onde tambem era o de Catharina.

Ella fingia resonar, e como que despertando de repente logo que o seu *companheiro* entrou no quarto, esfregando os olhos e afirmando depois a vista no commendador, disse em tom de pachorra, dissimulando a sua raiva:

— Pois agora então é que meçê vem? tão tarde? eu já estava toda cuidadosa, devéras, nho João! Mecê deite-se e vamos dormir.

— Hoje estou sem somno, moça, sahi muito tarde da cidade, disse João Antonio com perfidia tirando a jaqueta e pondo-a a um cabide na parede.

— E o que meçê fazia lá? interrogou Catharina mostrando apparente bondade para o seu *companheiro*.

— Ora, moça! estive lá occupado n'um negocio... e por isso demorei-me muito, mas estou aqui agora... e...

— Mecê não me faça outra, nho João, porque... por que... eu fico pensando que....

— Bem te entendo, moça... porém tu não terás mais ciumes de mim... eu t'ó prometto.

— Sim? respondeu a *caseira* em certo tom hostil e ironico, que não sóra comprehendido pelo commendador.

— Oh! diabo! ia-me esquecendo dar um recado a Gonçalo, quetem de fazer uma viagem amanhã de madrugada; olha, eu já volto.

E assim fallando, João Antonio sahio do quarto, esquecendo-se de vestir a jaqueta.

Catharina, ficando só, levantou-se da cama rapidamente, pegando logo essa jaqueta que estava pendente no cabide, a examinou com presteza, e achando no bolso d'ella uma chave, murmurou raivosa, batendo o pé no pavimento, como se fizesse uma ameaça:

— Espera, meu *canhão*, tu me pagarás o que me tens feito! eu te espiei e tudo vi... aquella mulher não ha-de ser para os teus beijos! a chave está aqui!

E dirigio-se apressada para a alcova da sala onde ficára fechada a infeliz Carolina; e tirando-a d'ahi, a puchou pela mão até a porta do quintal, e d'esta maneira, como está sciente o leitor, a pobre viuva livrou-se de ser victima do perverso commendador.

Isto tudo se passára dentro de dois a tres minutos.

Contemos agora a maneira pela qual essa mulher havia presenciado a traição do seu *companheiro*.

Estando ella deitada na sua rêde, não esperando que João Antonio voltasse da cidade, pois que já era tarde, ahi n'esse lugar dormira um bom somno, e despertando ouviu o tropel de animaes pelo terreiro; levantou-se immediatamente, e chegando a uma janella que dava para o terreiro, abriu-a sem fazer bulha; logo conhecera a falla do commendador, que dizia: «Até que enfim, Sr. Gonçalo, tenho a moça em meus braços! custou-me, porém o passarinho está seguro». — «Patrão, respondeu a voz do Capador, a pombinha ainda está desmaiada.» — «Não importa, assim é melhor para mim... a Catharina de nada saberá, e hei-de dispôr d'essa cabocla, porque acho-a capaz de denunciar-me se *pescar* que eu roubei a bonita Carolina.»

Então a *caseira*, tomada de raiva, sem perda de tempo correu para o seu quarto, deitou-se, fingindo dormir. Mil pensamentos sinistros passáram uns após outros pela mente de Catharina. Alguns segundos se escoáram; depois ella ouvia a bulha da porta que se fechára.

— Não ha duvida, o *canhão* trancou a mulher lá na alcova e tirou a chave... elle será capaz de matar-me, mas eu tenho aqui uma faca; não terei medo.

E de feito, Catharina assim fallando comsigo, tirou de baixo do colchão de sua cama uma grande faca e escondeu-a junto do travesseiro.

Assim prevenida esperou a João Antonio, fingindo dor-

mir, tendo depois com elle o dialogo que já referimos, como o leitor está ao facto.

O commendador, deixando a sua *caseira* sob pretexto de dar um recado ao Capador, fôra na verdade encontrá-lo n'uma casinha junto ao paiol da fazenda, onde o bandido fazia a sua morada, a alguns passos da casa.

João Antonio fizera a terrivel tenção de assassinar a Catharina; porém repugnára feril-a por suas proprias mãos, e assim recorrera-se ao Capador, cuja idéa sanguinaria se realisaria dentro de meia hora.

E o malvado contava ancioso os momentos que se passavam.

O instante fatal havia chegado.

O assassino Gonçalo, empunhando a sua grande faca, dirigio-se para o quarto da *caseira*.

O maldito commendador o acompanhou; porém quando não foi a sua furia quando certificou-se de que Catharina desaparecera, não encontrando tambem na alcova a formosa Carolina!...

Deu um grito horrivel, como se perdesse o uso da razão.

D'ahi a pouco elle sahia da casa, errando qual um possesso por aquelles lugares, sem proferir uma só palavra.

O Capador ficou tomado de receios, retirando-se logo para a sua casinha.

Fôra a Providencia que livrára essas duas mulheres das garras do amaldiçoado João Antonio, frustrando os seus tenebrosos intentos.

CAPITULO QUARTO.

Os dois amigos.—Um plano mallogrado.

— Ora graças, amigo! disse Fabricio apertando vivamente a mão de Epiphanio com verdadeira prova de dedicação; já te vejo muito melhor! Hoje fazem tres dias que foste ferido gravemente, e no entanto os cuidados do Dr. Luiz Alvares te livraram do perigo.

— E' verdade, amigo, respondeu o moço com voz debilitada, erguendo-se do seu leito e encostando-se no travesseiro; aquelle homem é um excellente medico; no estado em que me achei parece isto um milagre de Deos.

— Sim, amigo; Deos em primeiro lugar e depois a sciencia.

— A febre acommetteu-me fortemente, e tanto é verdade que fiquei surprehendido por achar-me aqui, em minha casa, sem saber de que maneira me trouxeram; e a minha boa mãe quanto não soffreria com o meu mal! coitada!

— Vieste n'uma rêde, amigo, e para isto não tive trabalho algum... arranjei n'um instante... tua mãe não te deixou e velava por ti com as lagrimas nos olhos.

Epiphanio olhou para Fabricio e ficou silencioso, mostrando no semblante o soffrimento do coração.

— Oh! já te entendo, amigo... tu és torturado por algum pensamento sinistro.

— Sim, murmurou o mancebo pezaroso, tenho um pensamento terrivel... a minha querida Carolina... quem sabe se o malvado commendador....

— Tranquillisa-te, amigo, afasta de ti esse máo pensamento; não vês que o teu generoso protector, aquelle que tambem procura o bem da tua futura esposa, se acha ausente ha dois dias?

— E o que prova isso, Fabricio?

— O que prova? pois ignoras que elle busca com o maior interesse descobrir a pobre Carolina lá na fazenda do maldito João Antonio, ou em qualquer outra parte onde esteja? esse homem mysterioso que de tudo sabe, como se tivesse o dom de adivinho?

— Mas, amigo, quem nos diz que o perverso commedador forçaria a miúba amada Carolina? Ella, fragil mulher, que forças terá para vencer o monstro?

— Deos viria em seu soccorro.

— Sim, a fé muitas vezes livra o homem do perigo, e se Carolina nutre tal esperanza, a Providencia a terá livrado das garras d'esse abutre.

— A proposito, Epiphanio, lembro-me de contar-te uma novidade.

— O que, Fabricio?

— Basilio de Carvalho desapareceu de casa sem eu saber para onde elle foi.

— Quando se deu isso?

— Ha quatro dias.

— E o que pensas então?

— Que o pobre velho ajuntou-se com o desconhecido com quem tivera uma entrevista ha poucos dias. Parece-me que elles planejam mysteriosamente uma vingança.

— Contra quem, Fabricio?

— Contra João Antonio.

— E em que te fundas para assim pensares?

— Eu te digo, Epiphanio. Já te contei aquelle facto horroroso que se deu com o desgraçado Basilio, e que

este jurára pela palavra de paulista vingar-se do facinora que lhe assassinou a mulher e filha, e para isso o procurava por toda a parte, e esse malvado....

— Ah! elle o encontrou?

— Sim, amigo; Basilio encontrou-se n'esta cidade com o matador d'essas desgraçadas mulheres.

— Ah! fez o joven com espanto.

— E se souberes ainda que tenho desconfiança de que o malvado não é outro senão João Antonio....

— O que dizes, Fabricio?!

— Eu te explico bem o motivo d'essa desconfiança. Basilio me havia dito ter achado o monstro que procurava, e que este chamava-se João Gregorio, e pelos signaes que me deu collijo ser o proprio João Antonio. Disseram-me ainda que o seu juramento de vingança seria cumprido em occasião opportuna, por quanto dependia isso d'um plano terrivel que projectava para assim saciar aquelle odio implacavel que nutria em seu coração contra o assassino, sendo coadjuvado por uma outra pessoa que tambem havia sido victima de João Gregorio, cujo nome Basilio occultou sob o véo do mysterio, por não lhe ser dado revelal-o. Dois dias depois d'esta declaração ainda tivera com o desconhecido personagem duas entrevistas, porém nunca poude saber o que significavam, porque receiava commetter uma indiscrição insistindo com o velho para que me orientasse n'esses arcanos.

— Ah! Fabricio! observou Epiphanio gravemente; se com effeito as tuas suspeitas são justas; se o malvado João Gregorio é o commendador João Antonio... que irrisão, que aviltamento para o nosso paiz ver-se no peito de um assassino a distincção nobre de uma commenda!... ella que só serve para ornar a virtude e o merito... oh! este pensamento me revolta! eu que amo a minha patria, que

espero ainda vel-a elevada ao gráo de prosperidade de que é digna, lastimaria do fundo d'alma tão grande mal.

— Olha, amigo, murmurou Fabricio em certo tom de censura, hoje em dia as condecorações não servem para distinguir o cidadão que presta serviços ao seu paiz, mas sim para recompensar a aquelles individuos que a titulo de esmola dão o seu dinheiro para qualquer obra pia, e é por isso que o homem rico consegue facilmente o *carachá* d'uma commenda, ou um titulo de barão.

— Para mim, Fabricio, esses commendadores que não têm nobres sentimentos, nada valem.

— Espera...

— O que?

— Ouço bulha de passos, Epiphanio; parece-me que alguém se aproxima.

— Será o desconhecido?... oh! assim fosse! viria dar-me noticias de Carolina.

Esta scena se passa no aposento do joven Mattos, pelas oito horas da tarde, e por consequencia o quarto está todo illuminado.

A porta d'esse quarto, que estava serrada, se apresenta um homem tendo o rosto quasi occulto por um lenço que lhe cobria a cabeça.

Ahi parando, tira immediatamente o lenço e se mostra aos olhos dos dois amigos, os quaes ficáram na maior surpresa, e exclamáram por seu turno:

— Ainda este homem?!

— Que mysterio será este?!

E ambos se caláram como contrariados com tão celebre visita.

Era um homem de altura regular, cheio de corpo, porém de porte esbelto; e quando tirou o lenço da cara, deixou ver seu rosto conhecido, mas agradável, cuja barba

preta, crescida, com grandes bigodes retorcidos pelas pontas, davam-lhe a apparencia de um moço importante, accrescentando ainda os seus cabellos pretos e crespos, tendo uma frente espaçosa.

Porém n'essa physionomia agradável via-se ao mesmo tempo a audacia que n'ella salientemente se desenhava, essa impudencia pronunciada do homem traidor que tem constantemente nos labios o sorriso da falsidade, e occulta no coração a serpente da discordia.

E esse homem, no maior silencio, sem a mais pequena cerimonia, foi entrando e logo sentando-se n'uma cadeira que estava desoccupada.

Era o aventureiro Leopoldo que ahi mysteriosamente apparecia...

Os dois amigos se olharam como que trocando estas palavras :

— E' o requinte da ousadia !

— Que procedimento inqualificavel !

No cabo d'alguns segundos o recém-chegado, desentubçando-se da capa, murmurou sorrindo :

— Está bem, meu caro Epiphanio, seja eu o primeiro a tomar a palavra, já que guardas a maior reserva.

— Sr. Leopoldo, tanto cynismo assim me revolta, murmurou o joven com voz debilitada e sentindo, máo grado seu, uma agitação nervosa por todo o corpo ; já lhe disse uma vez que não mais queria ouvi-lo, porque rebaixar-me-hia dando attenção a um refinado embusteiro !

— *C'est trop fort !* exclamou o nosso aventureiro no tom o mais comico possivel, pois que havendo elle se livrado do perigo em que se achára, déra parabens ao destino por não ter sido riscado o seu nome do livro dos vivos, e assim continuava nas suas machinações, procurando o meio de realisar aquelle pensamento constante

que tinha na idéa — essa riqueza que tanto almejava, o que tudo mais adiante relataremos ao leitor.

Epiphanio olhou cheio de desprezo para esse homem, e depois pediu a Fabricio um charuto para disfarçar a perturbação em que se via, receiando não poder supportar o ex-professor, cuja presença muito o incommodava.

— Criança! continuou Leopoldo no mesmo tom; esses improperios são injustos. Se tu soubesses dos passos que tenho dado em teu beneficio, se um instante reflectisses na importancia do grave negocio que aqui me traz, por certo que te arrependerias dos assomos da tua mal entendida raiva. Julgas com effeito que deves nutrir n'essa cabecinha sem miollo (perdôa-me a expressão) uma...

Epiphanio fez logo um gesto de indignação, e interrompendo o aventureiro, disse :

— O senhor é o homem mais impudente, o mais desprezível ente... e não abuse da minha paciencia!

E o joven virou-se no leito, dando-lhe as costas.

— Sr. Leopoldo, voltou Fabricio por seu turno encarando o ex-professor com zanga; aqui o meu amigo acha-se muito molestado e não pode mais ouvir-o; tenha a bondade de retirar-se, porque do contrario ver-me-hei obrigado a expulsal-o d'este lugar... bem sabe que Epiphanio lhe vota a maior antipathia.

— Sr. Fabricio, ajunta o aventureiro com pachorra, diz o adagio : *quem porfia mata caça*, e assim porfiando, espero cedo ou tarde convencer a este pobre mancebo, que, embuído no pensamento do erro, desconhece que um dedicado amigo se sacrifica por elle, tendo já arrastado a morte para beneficial-o, esperando pôl-o afinal nos braços do amor, e talvez hoje mesmo.

— Não o comprehendo.

— João Antonio raptou a bella Carolina ha tres dias...

Epiphanio fez um movimento de impaciencia, porém conservou-se na mesma posição.

— E o que temos então?

— Pois, Sr. Fabricio, para livrar a pobre viuva das unhas d'aquelle animal, arrisquei-me ao maior perigo...

— Ah! livrou a infeliz Carolina?

— E na mesma noite em que se deu o facto, respondeu Leopoldo apparentando um ar grave; e essa moça acha-se hoje....

O doente, fazendo involuntariamente um grande esforço no leito, voltou-se apressado para o aventureiro, exclamando como hallucinado:

— Onde... onde está Carolina?... diga-me, homem, diga-me...

— Ah! já me ouves... já não sou o embusteiro de ainda agora... o impudente... disse o ex-professor com o mais imperturbavel phlegma; ora pois, meu rapaz, escuta-me com attenção o que te vou dizer: desnecessario é dirigir-me esses insultos que a tua má disposição, aconselhada pela pouca ou nenhuma experiencia das cousas do mundo, faz a tua arma favorita para me acommetteres sempre que te venho prevenir de qualquer negocio em teu favor, d'um sinistro que te possa sobrevir.

— Falle-me d'ella... d'ella só! murmurou Epiphanio com visivel anciedade: ande, falle-me!

— Sr. Leopoldo, explique-nos isso depressa.

— Pois bem, eu o digo sem mais demora: a linda Carolina acha-se em minha casa desde o dia em que foi rapta pela commendador.

— O que diz, homem?! o que diz?! balbuciou o joven como estupefacto; oh! vamos, Fabricio, corramos a buscá-la! olha, eu tenho forças para andar, sinto-me bom; vamos, amigo!

E Epiphanio fez um inaudito esforço para pôr-se de pé, mas o seu amigo o deteve, dizendo-lhe :

— Tranquillisa-te, devemos primeiro ouvir a este homem.

— Espera, espera... não vamos com tanta sêde ao pote, meu bom Epiphanio; temos ainda um negocio a decidir.

— Falle, homem, e não se ponha com reticencias, murmurou o mancebo na maior impaciencia.

— Pois seja assim, meu caro joven. Lembras-te d'aquelle nosso trato?

Epiphanio nada respondeu e apenas olhou com desdem para o aventureiro.

— No dia em que podesses chamar a Carolina de esposa tu dar-me-hias a quantia não menor de vinte contos...

— E o que mais? interrogou o moço com desespero e raiva.

— Oh! estás muito agitado... socega o teu espirito e façamos o negocio com toda calma. Como te ia dizendo: quero vinte contos de reis n'uma letra e firmada por ti como recompensa da entrega que hei-de fazer-te de Carolina, porque ella está em meu poder; e quando não... tu a perderás para sempre, porque....

— Miseravel! exclamou Epiphanio tremulo, não te lembras emfim, embusteiro, que és tu o culpado de todo este drama que se tem passado e que aavez d'esses teus planos sinistros só miravas o ouro para um dia engrandecer-te, fazendo realisar o sonho da tua phantasia! sahe, pois, da minha presença, não mais quero ouvir-te, vil hypocrita, sahe!

Leopoldo, tendo ouvido tudo isso, affectando a maior indifferença, deu por fim uma gargalhada fitando o joven Mattos, e com revoltante pachorra disse :

— Pois bem, meu caro mancebo; já que estás assim tão arrebatado, o dito por não dito, e neste instante me retiro, porém fica sabendo que Carolina pertence-me e assim....

Nesse momento um homem entra bruscamente no quarto e interrompe o aventureiro, dizendo-lhe com voz de stentor:

— Impostor! Carolina não se acha mais em teu poder; ella está sob a minha guarda!

O ex-professor olhou extatico para aquelle homem, sem poder reconhecê-lo.

Era o nosso mysterioso personagem.

Leopoldo sahio apressado do quarto no maior desapontamento, tendo as idéas perturbadas.

Epiphanio e Fabricio ficaram surprehendidos com a vinda inesperada do generoso desconhecido.

Este, chegando-se ao joven, murmura:

— Meu amigo, a sua Carolina está salva, graças á Providencia; ella livrou-se felizmente das mãos do perverso commendador.

Epiphanio, tomado de grande emoção e fazendo um esforço inaudito, levantou-se da cama e atirou-se nos braços do personagem, balbuciando:

— Receba, senhor, a prova do meu eterno reconhecimento!

— E Carolina irá brevemente para a sua casa e não mais soffrerá; o malvado vai ser denunciado á justiça...

— E este maldito aventureiro, senhor? perguntou Fabricio impaciente.

— Elle será tambem denunciado, porque é um homem perigoso á sociedade.

— Carolina está salva, senhor? inquire Epiphanio duvidando da verdade.

— Pois, meu joven amigo, julga que eu....

— Oh! acredito-o... acredito-o... murmurou o mancebo com transporte, cahindo no leito pela forte sensação que tivera de tão grata noticia.

— O que tens, amigo? o que tens? volve Fabricio todo receioso vendo a pallidez do moço.

— Nada, amigo, nada... é uma vertigem passageira...

— Ah! fez o desconhecido com alegria, pois que julgára que o mancebo ia ser victima de um desmaio.

— Tranquilla-te, Epiphanio; tu estás muito abatido e qualquer incommodo te pode ser nocivo.

— Sim, meu amigo, eu lhe peço todo descanso, e socegue o seu espirito; Carolina está livre e quando bem lhe parecer a desposará.

Um sorriso de secreta e doce satisfação adejou nos labios descorados do mancebo, podendo apenas tocar na mão do seu mysterioso protector, sem articular uma só palavra, porém isso era muito expressivo.

Este comprehendeu bellamente aquelle sorriso, e sahio do aposento, dizendo que ia igualmente socegar a linda viuva ácerca do seu futuro esposo.

Fabricio guardou silencio e deixou o amigo ficat em repouso.



CAPITULO QUINTO.

Leopoldo pensa d'uma cajadada matar dois coelhos. — Alegria de Carolina. — Mysterio e horror.

Orientemos agora o leitor sobre a maneira pela qual o aventureiro havia escapado do perigo em que se achára, tendo sido ferido pelo terrivel João Antonio.

Caíndo no pavimento, Leopoldo ali ficou desfallecido por dois a tres minutos, pois que o sangue lhe esguichava da ferida, tingindo-lhe o peito da camiza; mas graças aos cuidados da sua escrava, poudo depois d'esse tempo tornar a si do desmaio, e então balbuciou algumas palavras, pedindo á preta que o encostasse a um travesseiro, pois que se via sem forças para mover-se d'ahi, pedido que foi servido com presteza; depois do que mandou que a escrava corresse á casa de um certo charlatão, seu conhecido, a quem tambem a preta conhecia, e o trouxesse logo.

As ordens do ex-professor fôram cumpridas, e o charlatão acompanhou a escrava.

Assim que chegou perto do aventureiro, todo surpreso, examinou-lhe o ferimento como perito de sua arte e sacudiu a cabeça para o paciente, dizendo-lhe que tivesse animo, pois que dentro de pouco tempo estaria curado d'esse ferimento, que era grave, porém lhe ministraria remedios energicos e efficazes, indo apromptal-os com toda a brevidade em sua casa que apenas distava da do aventureiro alguns passos.

Então este rogou-lhe, como especial favor, que não descobrisse este facto a ninguem; que era um grande mysterio que não lhe podia explicar, e que pelo silencio que lhe guardasse o charlatão, teria assim uma boa recompensa.

O curandeiro não vio obstaculo algum n'isso, e não se importou saber quem tinha sido o autor d'aquelle delicto; e só mirando a gratificação promettida, affirmou a Leopoldo que contasse com a sua discrição, mas que esperava ser bem pago de seu trabalho, cujo bom effeito garantia, pela *palavra de charlatão*.

Este, que era um velhinho tabaquista e sujo, e que pouco fallava, ajudou á preta a carregar o aventureiro para uma cama d'alcova da sala, feito o que, retirou-se d'esse lugar, voltando d'ahi a pouco com as *meisinhas* para o paciente, que gemia no seu leito.

A escrava n'essa noite não deixára a seu senhor, e o velhinho tambem passára junto do doente, esperando o effeito do remedio que lhe applicára.

Em dez dias o aventureiro se pôz de pé, e bendizia o charlatão que o curára com tanto acerto.

O attentado commettido pelo commendador ficou nas sombras do mysterio, e ninguem sabia d'aquelle crime, excepto o curandeiro que guardára o segredo, tendo sido bem pago pelo ex-professor.

Este, temendo-se ainda de João Antonio, tencionava occultamente vingar-se da grande affronta que lhe fizera, machinando a perda do commendador, e para isso só sahia de noite á rua, todo embuçado, tendo um chapéo preto desabado sobre a cabeça, occultando ainda o rosto n'um lenço atado em baixo do queixo.

D'esta maneira ficava João Antonio na incerteza da sorte do aventureiro, e deixaria de o perseguir, uma vez que não o encontrasse na cidade.

O astuto Leopoldo, previdente como era, havia bem sondado o terreno em que pizava, e por isso, pois, tomou as suas medidas, visto como a situação era perigosa.

E de facto procurou furtar-se ás vistas do commendador, até que em occasião opportuna, pudesse háver o que tanto almejava, realisando o sonho dourado de felicidade que era o pensamento constante do aventureiro.

Não deixou de ser notado por algumas pessoas que conheciam o ex-professor o seu desaparecimento da cidade, e entre elles o Jacarandá e Apollinario escogitavam a razão de um tal procedimento, porém nada sabiam.

Uma noite, tendo Leopoldo sahido da cidade, sempre cauteloso, dirigia-se a um certo sítio, cujo caminho era o mesmo da fazenda de João Antonio. Fazia luar, mas a luz não era clara, porque as nuvens estendidas pelo firmamento occultavam os raios do astro brilhante.

Os gallos já cantavam quando o aventureiro chegou á uma casinha que demorava á margem do caminho. Abi, batendo logo á porta, unica que n'ella havia, no cabo d'alguns momentos essa porta abriu-se e a figura d'um homem, embuçado em comprido ponche, desenhou-se no limiar.

— Oh lá, Dionysio! foste prompto em me abrires a porta do teu casebre, disse o ex-professor tirando o lenço que lhe occultava o rosto.

— Temos alguma novidade, Sr. Leopoldo? a estas horas? responde o homem esfregando os olhos.

— Sim, preciso de ti, Dionysio, e é um negocio importante que aqui me traz.

— Vamos lá, senhor, conte-me isso.

— Eu te digo em duas palavras. Assim que amanhecer, tu irás á fazenda do commendador João Antonio, disfarçando pedir uma esmola, procurarás a Catharina e lhe darás um recado, porém que ninguem te ouça.

— Que recado, Sr. Leopoldo?

— Dirás a ella que venha ter comigo aqui em tua casa, pois que um perigo grande a ameaça, e que na proxima noite estarei n'este lugar... mas... parece-me que lá vem gente... deixa-me espiar pelo lado de dentro.

E o aventureiro juntou a acção á palavra, cerrando a porta e pondo-se de guarda.

Logo elle conhecera que eram duas mulheres que vinham apressadas do lado da fazenda do commendador.

Leopoldo teve uma subita idéa.

O nome de Catharina atravessou por sua mente.

E com effeito eram mesmo duas mulheres que passavam no caminho, indo para a cidade; mas apenas tinham ellas passado a casinha, quando o aventureiro as seguiu apressado.

O ex-professor, chegando-se a ellas, reconheceu-as n'um instante.

— Catharina e Carolina?! exclamou elle estupefacto.

— Quem é este homem, gente? murmurou a *caseira* de João Antonio toda sobresaltada e parando.

A formosa viuva nada disse, porém tremia pegando no braço de Catharina.

— Soceguem, minhas senhoras, soceguem, não tenham medo de mim... sou Leopoldo de Campos, vinha em seu soccorro...

— Mecê como sabia d'isto então? interrogou a *caseira* ainda espantada.

— Eu, minha senhora, eu sei de tudo, parece até que sou adivinhador. Diga-me agora uma cousa: vai para a cidade?

— Para que mecê quer saber?

— Oh! a senhora não sabe em que perigo está mettida! a cadêa lhe espera se não fizer o que eu lhe vou dizer.

— Santo Antonio de nha mãe! exclamou Catharina aniquilada.

— Então vamos ou não para a cidade? perguntou Leopoldo vendo que suas palavras produziam o fim que desejava.

— Então diz meçê que eu

— Sra. Catharina, não devemos desperdiçar o tempo; qualquer demora lhe é prejudicial; vamos.

E virando-se para Carolina, que ainda estava atemorizada, disse:

— Tranquillise-se, minha senhora, não tenha o menor susto, o amigo Epiphanio de Mattos me encarregou de procural-a; para isso dirigia-me á fazenda d'aquelle malvado commendador, mas já que o seu destino lhe fôra propicio, resta-me ao menos a satisfação de acompanhal-a d'aqui á cidade, podendo asseverar-lhe que chegará ali felizmente.

Carolina não disse uma palavra, porém acompanhou o aventureiro e Catharina.

O ex-professor guardou silencio, pois que isso lhe era conveniente para um novo plano que projectava, e portanto elle e as duas mulheres caminhavam apressados.

Expliquemos em duas palavras ao leitor qual era a tenção de Leopoldo procurando a casinha d'esse Dionysio, que é um pobre aleijado das mãos, que de vez em quando ia á fazenda de João Antonio pedir uma esmola á Catharina, d'onde voltava trazendo sempre a sua saccola cheia.

O aventureiro conhecia a Dionysio, porque algumas vezes lhe déra cobres, quando elle na cidade recorria aos fiéis, pedindo o pão da caridade.

Leopoldo o viu duas vezes na fazenda, e por curiosidade n'uma occasião lhe perguntára se tinha conhecimento com a *caseira* do commendador. O aleijado então lhe dis-

sera que Catharina era sua sobrinha, e que ella lhe dava viveres para a sua subsistencia, porém occultamente, sem que João Antonio soubesse d'isso.

O astuto aventureiro, lembrando-se de Dionysio; assentou de ir ao sitio onde elle morava, para mandal-o á fazenda chamar a Catharina com toda a cautela, afim de a livrar de um perigo que a ameaçava.

Era mais uma proeza do ex-professor, que acreditava no bom exito do seu plano, o qual vamos patentear ao leitor.

Leopoldo tencionava denunciar a João Antonio como passador de moeda falsa, mas receiava comprometter os seus *interesses*, não podendo assim realisar aquella escriptura de doação que o commendador lhe passára, visto como este tambem poderia denuncia-lo á justiça como consocio do Capador nos roubos de escravos. Era-lhe isto um grande obstaculo.

Parafusando sobre o que devia obrar para livrar-se das perseguições de seu *nobre* amigo, lembrou-se que o melhor meio era furtar-se ás suas vistas, evitando uma nova traição do commendador.

E, pois, o aventureiro esperava e noite para sahir á rua disfarçado, como já dissemos ao leitor.

O unico modo que havia para a denuncia de João Antonio era recorrer á sua própria *caseira*, e para capacital-a da *ingratidão* do seu *companheiro* seria sufficiente que lhe improvisasse alguma historia de amor, accrescentando mais alguma cousa que a intimidasse, provocando assim a raiva de Catharina contra o commendador.

A idéa era feliz, e logo resolveu executal-a; e portanto Leopoldo se dirigio ao parente da *caseira*, n'aquella mesma noite em que a bella Carolina era raptada por João Antonio, não sabendo o aventureiro d'esse acontecimento.

Deu parabens ao seu destino por encontrar n'aquelle sitio as duas mulheres: *d'uma cajadada ia matar dois coelhos.*

Tudo lhe parecia sahir melhor do que pensára, porque tomaria a desforra, vingando-se de Epiphânio de Mattos quando este não annuisse a passar-lhe uma lettra de vinte contos de reis pela entrega da formosa viuva, cuja sorte tinha agora em suas mãos, assim como contava vingar-se do terrivel commendador, antevendo já a sua ruina pela denuncia da propria *caseira* Catharina.

Leopoldo chegou felizmente á cidade, conduzindo Carolina e Catharina.

O aventureiro resolveu com algum trabalho levar-as para a sua casa, promettendo á pobre viuva que na noite seguinte estaria perto de seu querido Epiphânio.

Então a viuva animára-se a perguntar pelo joven, recheiosa de que João Antonio lhe tivesse feito algum mal.

Leopoldo dissera-lhe que socegasse, e que o commendador nada fizera ao mancebo que se achava são e salvo.

O ex-professor não estava sciente do facto que se déra, por quanto a noticia do rapto de Carolina e do ferimento de Mattos só se espalhou ás oito horas do dia seguinte.

N'essa manhã, pois, as duas mulheres ficáram desesperadas por deixarem a casa do aventureiro; mas elle, tudo prevendo, ponde com arte illudir a Carolina e Catharina, fazendo-lhes conhecer que João Antonio por certo se achava na cidade, e que corriam perigo se ellas se achassem sósinhas n'uma casa, e assim podiam esperar até o dia em que tencionava denunciar a esse malvado, patenteando os seus crimes á justiça.

Mas Carolina nem por isso tranquillisára-se, e antes temia a falsidade do aventureiro.

Este logo convencera a Catharina da *ingratidão* do seu

companheiro, observando-lhe mais que constava na cidade que o commendador tentava assassinal-a para não o estorvar no seu novo amor, e que n'esse caso cumpria quanto antes ir perante o juiz municipal da cidade patentear a verdade de tudo, e que elle Leopoldo a acompanharia á casa d'essa autoridade; porém, *isso* deveria ter lugar na noite do dia seguinte, com a maior cautela, para que não despertasse a suspeita de uinguem.

A *caseira* acreditou nas palavras do aventureiro, sem objectar a menor duvida, e mesmo porque ella jurára vingar-se do seu *ingrato companheiro*, de cuja perfidia havia sido testemunha, presenciando o facto passado com a infeliz viuva.

Apezar de Catharina estar assjm despeitada com João Antonio, todavia, não scientificára a Leopoldo aquelle mysterioso juramento que vimol-a pronunciar, rávosa, contra o commendador, no final do capitulo terceiro da primeira parte d'esta historia.

Era talvez algum crime horroroso praticado por esse homem, de que a *caseira* só aguardava a occasião de revelal-o á justiça...

Carolina ficára tão agradecida a Catharina pela generosa acção que lhe fizera, que d'essa mulher só confiava agora, e por conseguinte não a deixava, sempre temendo-se do aventureiro.

Fez um grande sacrificio em esperar pela noite de que lhe fallára Leopoldo, projectando a perda do seu malvado raptor.

O ex-professor vigiava as duas mulheres, e sua casa toda fechada dava signaes de não ter habitante algum, pois que providenciára mesmo a sua escrava, não consentindo que ella sahisse á rua senão depois que tivesse realisado o plano que havia traçado na mente. Elle re-

reitava que a preta divulgasse que em sua casa se achavam a viuva do Guimarães e a *caseira* de João Antonio.

Todo o tempo que andára occulto, sahindo só á noite de casa, ordenára á preta que guardasse o maior segredo sobre isso, e que dissesse quando alguém lhe perguntasse por elle — que seu senhor tinha feito uma viagem para longe e que tão depressa não voltaria.

Ella cumprio as ordens do aventureiro.

A noite tão desejada por este havia afinal chegado.

Leopoldo resolvera em primeiro lugar ir ter com o amante de Carolina, pensando extorquir do joven essa quantia de vinte contos de reis, de que tinha toda a probabilidade obtel-a, senão em dinheiro, ao menos em uma lettra por aquelle firmada, como recompensa da entrega que lhe faria da formosa viuva, e quando de lá viesse, tendo o seu *negocio* decidido, então se dirigiria ao juiz municipal do termo, levando a Catharina para *bem recomendar* a sorte do nobre commendador João Antonio, fazendo-o assim, trancafiar n'uma e uxovia.

E fechando as duas mulheres em sua casa, tranquillizou-as, dizendo a Carolina que ia buscar a Epiphania de Mattos para que elle proprio a conduzisse para a sua casa, e a Catharina que d'ahi a uma hora ella estaria perante a justiça para fazer a *boa cama do seu fiel companheiro*.

E cauteloso sahio de casa pela porta do quintal, tendo cuidado de trancar-a, tirando a chave d'ella, assim como a do portão que fechava esse quintal.

Alguns minutos depois um vulto chegou apressado ao portão, e como se estivesse munido de gazúa, abriu-o sem difficuldade e entrou logo na casa do aventureiro.

A escrava d'este, encontrando-se de repente com o vulto, ficou a tremer de medo e não teve tempo de pre-

venir as duas mulheres que estavam n'um quarto do centro. O vulto lá chegou n'um instante.

E desembuçando-se mostrou-se a Carolina, que com estupefacção o contemplou, articulando com alegria :

— O meu generoso protector?!...

Catharina, olhando para esse homem, deu um grito horrorisada e occultou o rosto nas mãos.

E logo cahio no soalho desfallecida.

Ficaria ella assombrada pela vista do nosso mysterioso personagem?

— Acompanhe-me, minha senhora, o tempo urge.

— E esta mulher, senhor? disse a viuva desigoando a *caseira* n'aquelle estado de desmaio.

— Eu a levarei nos braços.

E o desconhecido tomou logo a Catharina pela cintura, erguendo-a com forças herculeas. E assim sahiram.

Em poucos momentos estavam na rua.

O portão do quintal do aventureiro ficou aberto.

Logo que o generoso protector de Carolina a livrou do poder de Leopoldo, chegando á casa, seu primeiro cuidado foi depôr a Catharina n'uma cama, tratando de soccorrel-a: no entretanto, assim que essa mulher tornou a si d'esse desmaio, elle furtou-se aos seus olhos, recomendando a Carolina que velasse d'essa mulher enquanto ia dizer duas palavras a Epiphanio sobre a sorte da sua futura esposa.

Catharina, pois, não poudo articular uma só palavra: aquelle homem a assombrára, como se fôra um espectro horrivel.

Seus membros se agitavam convulsos.

Que mysterio será este?.....

CAPITULO SEXTO.

Leopoldo e o carcereiro. — Nota de um plano sinistro.

Voltamos agora ao aventureiro Leopoldo de Campos.

Tendo elle chegado ao portão do seu quintal, com effeito vio-o aberto, e logo entrando em casa, procurou aforçurado as duas mulheres, mas não encontrou-as.

A raiva tomou-lhe então o coração.

Ficou perplexo por alguns instantes sem saber o que fizesse, nem o que pensasse sobre esse homem mysterioso que mallograra o seu plano tão bellamente traçado.

Depois batendo subito na testa, balbuciou agitado :

— Oh! que lembrança! que lembrança! aproveitemol-a quanto antes!

N'esse instante a sua escrava veio perguntar-lhe o que significava aquelle roubo que se dera das mulheres; porém o aventureiro não lhe deu ouvidos e sahio arrebatado pelo corredor, abrindo a porta da rua, e como levando a idéa presa em ardiloso pensamento.

Vamos em seguimento d'esse intrigante.

Eram oito horas da noite.

Correu apressado pela cidade, atravessando algumas ruas, foi dar consigo n'uma pequena rua de casinhas muito ordinarias que se denominava — rua da Cruz. Ahi chegando-se á porta de um casebre, cercado de muro de ambos os lados, bateu apressado.

Essa porta abriu-se sem demora, e a figura d'um pardo

já velho, vestindo calça e palitot riscado, tendo nos pés grossos sapatos, com um caudieiro na mão esquerda, appareceu aos olhos do ex-professor.

— Oh lá, Sr. Bento!

— Isto por aqui é novidade, Sr. Leopoldo! há tantos dias que o não tenho visto! entre, venha sentar-se, volte o homem com voz grossa, porém submisso.

Esse homem, assim fallando, afincou o caudieiro á parede d'um pequeno repartimento que servia de sala.

O aventureiro entrando, teve o cuidado de fechar a porta sem a menor cerimonia.

E virando-se para o dono da casa, disse em tom baixo:

— Sr. Bento, temos um importante negocio a tratar.

— Vamos a elle, senhor; V. S. explique-se.

— Diga-me primeiro, meu boni carcereiro: o que é feito d'aquelles tratantes que lá estão na cadeia?

— Que tratantes, Sr. Leopoldo?

— Ora, Sr. Bento! fallo do Peito-Cabelkudo, do Feiti-ceiro, do pai Judá e da Cegonha.

— Estão pronunciados, senhor, e esperam o jury que ha-de ter lugar n'estes dois mezes.

— Isso é máo, Sr. carcereiro; queria favorecer a esses pobres diabos ainda mesmo gastando algum dinheiro, e...

Leopoldo não concluiu a phrase, e olhou para o homem significativamente como querendo abusar da sua baixa posição de carcereiro.

— De que modo ha-de V. S. favorecer-os?

— Olhe, Sr. Bento, aqui para nós, aquellas grades de ferro se desfazem ao contacto do ouro.

— O que é que está dizendo, senhor?! está louco!

— O dinheiro é a mola real de tudo.

— Pois V. S. se atreve a....

— Ora, Sr. Bento, não falle isso; estou dizendo que...

— V. S. quer comprometter-me?

— Falle mais baixo, Sr. carcereiro, mais baixo. Dou-lhe uma boa quantia se....

E o aventureiro olhou attentamente para o empregado da cadêa a ver o effeito que produzia aquella sua palavra magica.

O carcereiro como que mostrando-se insultado, abanou a cabeça, fez um movimento para fallar, mas nada disse e carregou os sobr'olhos.

— Olhe, Sr. Bento, hoje em dia com o ser empregado consciencioso nada se arranja, vive-se, por assim dizer, quasi ás esmolas, e por conseguinte terá *suavemente* uma quantia superior á que recebe n'um anno dos cofres da nação.

— Nada, nada, Sr. Leopoldo, respondeu o carcereiro affectando desprezo; perder a minha *honra* por tão pequena quantia! isso não...

O aventureiro deu uma risada de mófa, exclamando:

— A *honra* d'um carcereiro!... qual honra, nem meia honra, Sr. Bento! o dinheiro é que faz hoje em dia a honra do homem; aquelle que não o tem, nada vale no mundo e nunca passa de nm *quidam*: o dinheiro, venha lá d'onde vier, sempre faz a *grandeza* do homem, e sempre a sua *importancia*. Assim, pois, nada receie, e vamos fazer um trato...

E Leopoldo fixou o carcereiro em ar de verdadeiro tratante.

Bento, depois de ter pensado por alguns momentos, resmungou com apparente zanga:

— Será o diabo este homem! a provocar-me assim!

— Ora! ora! Sr. carcereiro... não se ponha com escrupulos; isto hoje, em dia é moda que não se usa n'esta cidade, e nem em parte alguma.

— E a dar-lhe, Sr. Leopoldo!

— Escute, meu Bentinho, escute... eu lhe darei uma boa quantia...

E a serpente da tentação estava por instantes a vencer a consciencia d'esse homiem que não tinha forças para repeller semelhante provocação que lhe desvairava a cabeça.

— Então o que diz? insistio o aventureiro em tom confidencial.

— O que digo? é que... parece-me....

— Falle, meu Bentinho, falle livremente, não tenha o menor receio... veja que o ouro...

O carcereiro calou-se, como que tomando as suas medidas.

— Olhe, as horas se passam, e eu tenho pressa...

— Oh! não é possível que me sacrifique, murmurou Bento sacudindo a cabeça.

— Meu Bentinho, proseguio o ex-professor no mesmo tom de confiança; já lhe disse que nada tema. Veja que tem muitos meios para livrar-se da perseguição da justiça; e demais, aquelles miseraveis não são criminosos, apenas estão presos por jurarem falso, cousa que não é para admirar-se, porque muita *gente boa* faz isso; qualquer *empenhosinho de ouro* torce uma testemunha com a maior facilidade.

— Pois vá feito! tudo se arrisque! respondeu o carcereiro resolutivo; como não são criminosos de morte, eu poderei pôl-os ao *fresco*, mas....

— Isso! isso! meu Bentinho... a consciencia não serve para nós, ella é só propria dos santos, e portanto deve-se procurar a fortuna pela melhor maneira possível.

— E quanto me paga o Sr. Leopoldo por esse trabalho? inquirio o miseravel carcereiro, não podendo resistir á cobiça do ouro.

— Dou-lhe duzentos mil reis, Sr. Bento, nem mais, nem menos.

— Duzentos mil reis só? isto não quero.

— Ora, meu Bentinho, o seu incommodo consiste em ir dar uma volta na fechadura do xadrez... etc... comprehende-me, não?

— E os soldados que guardão os presos, Sr. Leopoldo?

— Estes não lhe dão o menor abalo, porque são uns guardas *safados* que bem pouco se importam com a recommendação das autoridades, e por isso não lhe augmento um real na quantia offerecida.

— Mas, Sr. Leopoldo, a responsabilidade é grande, e por tanto...

O aventureiro, como se lembrando d'uma feliz idéa, exclamou de repente:

— Olhe, meu Bentinho, descobri um meio excellente para livrar-se das garras da justiça.

— Como, senhor?

— Quanto lhe custou esta porta de sua casinha?

O carcereiro deu uma gargalhada, julgando que o ex-professor cassoava.

— Sr. Bento, não tome o negocio em ar de graça... fallo gravemente; responda á minha pergunta.

— Esta porta, responde o homem rindo-se, custou-me... espere, Sr. Leopoldo... eu faço uma conta aproximada: quatro taboas de cedro, feitio, fixas, fechadura, pregos, tudo valerá pelo mais caro, doze mil reis.

— Pois doze mil reis não é quantia que se compare a duzentos mil reis.

— Sr. Leopoldo, queira explicar-me isso, não o entendo.

— Em duas palavras ficará sciente, Sr. Bento. Dê escapula aos dois tratantes, quebrando logo esta porta para

assim provar que houve o roubo da chave do xadrez e... sahirá optimamente do aperto.

— E' bem lembrado, é bem lembrado... porém, Sr. Leopoldo, ha-de dar-me trezentos mil reis... e os passarinhos baterão as azas.

— Nem mais, nem menos, Sr. Bento; arranje lá do melhor modo o arrombamento da porta, que é um documento importante a seu favor.

— Tem o dinheiro á vista, Sr. Leopoldo?

— Não, mas lh'o trarei amanhã....

— Sem falta?

— Dou-lhe palavra.

— N'esse caso amanhã á noite esses *melros* fugirão da gaiola.

— E a Cegonha que está em prisão á parte?

— Ella tambem se pôrá ao *fresco*.

— Pois está dito! e... caluda, Bentinho, que os duzentos mil reis aqui lhe virão contadinhos.

E assim fallando, o aventureiro despedio-se do carcereiro, sahindo logo para a rua.

Duas palavras ao benevolo leitor, afim de oriental-o sobre esse homem que occupava o lugar de carcereiro da cadêa da cidade de ***.

Bento era um official de carapina, pardo, solteiro, natural da mesma cidade, que vivia na miseria, não tendo bom comportamento na sociedade. Vagando o lugar de carcereiro da cadêa, elle fôra empenhar-se com Apollinario Lopes para obter-lhe esse emprego, o que arranjou com a maior facilidade.

Algumas criticas se fizeram na cidade por semelhante nomeação, e accrescentavam que um homem viciado não podia servir para carcereiro, apesar de ser um lugar desprezado, todavia, era do dever da autoridade policial

propôr ao chefe de policia um outro cidadão que melhor desempenhasse tal ministerio, visto como Bento seria capaz de deixar evadir-se presos da cadêa, se por ventura lhe offerecessem qualquer quantia, pois que algumas vezes mettia-se pelas tavernas, jogando com a gente da sua igualha o *pacão* e o *trinta e um*, vicio este que por certo o arrastaria á degradação e á infamia.

Havia já seis mezes que Bento occupava o emprego, e mal o desempenhava; ninguein no entanto se atrevera a abusar de sua baixa posição de carcereiro; só o aventureiro Leopoldo que o conhecia mui bem, tentára seduzil-o pelo ouro, lembrando-se d'esses ladrões que agora lhe eram precisos para assim poder levar a effeito os ambiciosos planos que em sua mente ruminavam ainda.

Como sabe o leitor, o carcereiro não tivera força para resistir a Leopoldo, e por conseguinte commetteria tão grave crime, julgando com effeito livrar-se da responsabilidade, patenteando o arrombamento de sua porta, justificando logo o roubo da chave da prisão e enxovia.

O carcereiro, pois, não hesitou sobre a grande falta que ia commetter, e esperou ancioso pela noite seguinte, contando já com os duzentos mil reis do aventureiro.

Receiamos massar o benevolo leitor em ajuntar aqui algumas palavras de censura sobre as nomeações de taes empregados em nosso paiz, as quaes sempre recahem n'essa gente de infima condição, homens corruptos e venaes, que não se importão com o bem geral do povo, e por consequencia fazem-lhe immenso mal, deixando muitas vezes escaparem á acção da lei a terriveis criminosos, que, espalhados por toda parte, são a praga que infelicita a nação, o cancro que corróe á sociedade.

Se os carcereiros não tivessem ordenado tão insigni-

ficante, esses lugares seriam infallivelmente occupados por pessoas honradas, e o cidadão veria assim garantida a sua liberdade, não receiando dos assassinos, e nem dos bandidos, porque elles seriam cuidadosamente vigiados por taes empregados.

Prosigamos na nossa historia, acompanhando o astuto aventureiro que seguia para a sua casa.

Logo que ahi entrou, como que preocupado de mil pensamentos, pediu á sua preta que lhe trouxesse uma luz, e dirigindo-se sem demora á porta do seu gabinete, abriu-a e fechou-se por dentro, cuja chave trazia consigo.

Sentando-se junto da commoda que guardava o seu dinheiro, meditou alguns instantes, e depois murmurou:

— Com a pequena somma de duzentos mil reis conseguirei tudo quanto desejo; João Antonio será morto e a metade de seus bens hão-de me vir ás mãos, d'esta ou d'aquella fórma; Flôr-de-Abril será facilmente raptada da casa do velho Simão, e... libarei a sua doçura satisfazendo a minha paixão... e quanto áquelle Epiphanio, deixemol-o por ora... mais tarde me pagará os insultos que me tem feito; frua muito embora nos braços da linda viuva as delicias do seu amor; porém hei-de encontrar-me com o personagem mysterioso que frustrou o meu plano tão bem combinado, e cujo exito era infallivel; e com o auxilio do Feiticeiro e Cabelludo tudo descobrirei, e então tomarei a minha vingança: o véo d'essé mysterio ha-de ser desvendado. Pensemos melhor sobre este importante negocio.

E o aventureiro reflectia por alguns momentos.

— Oh! é uma boa idéa! tomemos nota do que temos a fazer... ha aqui papel e tinta.

E pegando a penna, foi escrever. A proporção que isso fazia, lia assim.

« João Antonio será mandado para o inferno pagar os
« roubos que tem feito com a sua moeda falsa; o Peito-
« Cabelludo e Feiticeiro ficarão encarregados da *empresa*;
« o *fidalgo* me pagará assim tudo por junto. Depois de
« sua morte a escriptura terá todo vigor, pelo menos uns
« sessenta contos... e com a justiça *arranjar-me-hei*; é o
« meio mais seguro que tenho, e sobre isto não accres-
« cento mais nada; fico de *pedra e cal*. »

— Formemos agora o projecto do roubo de Maria, esse anjo formoso, que nunca me deixou...

E Leopoldo foi escrevendo, e depois leu assim:

« A Cegonha deve entrar uma noite em casa de Si-
« mão, e valendo-se da astucia, implorará do velho o seu
« soccorro visto como vê-se perseguida pela justiça; lá
« pela noite velha, a megéra arrebatará a Maria, e eu
« de antemão preparado, duas pequenas escadas irei
« collocar, uma por fóra e outra por dentro do muro do
« quintal da casa, e d'esta maneira o rapto é seguro.
« Flôr-de-Abril pertencer-me-ha... os meus sonhos dou-
« rados serão realisados; e enquanto não liquidar os
« *meus negocios*, a Cegonha ha-de ficar com a menina,
« até que possa gozal-a livremente, sem que encontre
« o menor estorvo. Nada devo receiar, porque irei pro-
« curar em outra parte *novos arcs e novos climas*. »

— Bem... o quadro está delineado, e dentro de poucos dias tudo estará concluido. Sobre o tal Epiphania e o mysterioso personagem pensaremos com mais vagar.

E dobrando o papel guardou-o no bolso do seu palitot, accrescentando com cynismo:

— Hoje é quinta feira; de domingo por diante é provavel que o *fidalgo* deixe de existir

E sahindo do gabinete pediu café á sua escrava, e murmurou de novo:

— Tenho de ir á cadêa prevenir aquelles tratantes da minha entrevista com o carcereiro.

Alguns minutos depois, o aventureiro, todo embuçado, sahia para a rua.



CAPITULO SETIMO.

O barão incognito. — Amor, melancolia e esperança.

Havia já se passado quatro dias depois d'aquelle encontro inesperado de Ernesto Camillo com o barão da Rocha-Negra.

Elles estiveram juntos por algumas horas na hospedaria, onde conversáram ácerca de diferentes negocios, e quando o joven retirou-se, offereceu a Affonso a casa do seu parente e amigo o Dr. Luiz Alvares, que muito se alegraria em hospedá-lo. O barão regeitou esse obsequio e disse-lhe que lá o iria visitar na manhã seguinte, pois que sua demora na cidade era por alguns dias e por conseguinte estaria mais a seu commodo na estalagem do que n'essa casa de familia ; na mesma occasião pedio ao mancebo que guardasse segredo sobre o seu incognito, que seria um inconveniente se o reconhecessem como titular.

Ernesto prometteu ao seu primo que seria discreto, e não o quiz interrogar a respeito de tão singular procedimento, esperando no entanto orientar-se de tudo logo que achasse occasião opportuna.

O joven nada dissera ao barão ácerca do seu amor por Flôr-de-Abril, unica pessoa que o prendia na cidade, e d'onde pretendia sahir logo que lhe dêsse a mão de esposo.

De feito, Affonso de Mello fôra, como promettera a seu primo, visitá-lo á casa do medico.

Ahi encetou conversação com o facultativo, que o obsequiára como polido cavalheiro.

O barão sympathisou-se muito com a familia de Luiz Alvares; porém este, por mais que o instasse que viesse honral-o em sua casa durante os dias que tinha de demorar-se na cidade, não lhe foi possível resolvel-o, por isso que Affonso pretextára que graves negocios o prendiam no hotel do Pimenta, e assim retirou-se, muito grato aos favores do medico.

Ernesto havia cumprido a sua palavra, guardando o incognito do barão, o qual facilmente passava por um particular, por não ser elle conhecido na cidade.

O joven logo scientificára ao Dr. Luiz Alvares que esse moço chamava-se Antonio de Mello, e que era seu parente em terceiro grão de afinidade, tendo uma bella fortuna e possuindo ainda um excellente coração e uma alma nobre.

Reproduzamos agora ao leitor a scena que se passa na estalagem entre Ernesto e o barão, os quaes familiarmente conversavam naquella salinha que já descrevemos.

São quatro horas da tarde.

Ambos fumam o seu charuto.

— Tenho estado impaciente por saber de uma cousa, Ernesto, e só tu poderás satisfazer-me.

— Oh! com a melhor vontade, Affonso, se eu souber.

— Tu a sabes. Escuta: quem é aquella menina tão linda que hontem á noite vi la em casa do doutor Luiz Alvares?

— Aquella menina? oh! é um anjo de bondade... é...

— O que é isto, Ernesto? estás todo agitado?

— Espera, Affonso, aquelle anjo formoso chama-se Maria, a Flôr-de-Abril...

— A Flôr-de-Abril?!

— Do que te admiras ?

— Oh!... oh!...

E o barão sentio involuntariamente uma ligeira emção, a qual foi notada por Ernesto que murmurou empalidecendo :

— Será possível que....

Affonso deu uma risada, e interrompendo o joven, disse em tom facetico :

— A tua physionomia está trahindo o segredo do teu coração... tu és sem duvida amante d'essa menina.

Ernesto olhou attentamente para o barão e pareceu contrariado. Hesitou um instante sobre o que devia responder ; mas tendo plena confiança em seu amigo e parente, balbuciou :

— Sim, Affonso, amo a esse serafim do céu.

— O que dizes ?!

— A pura verdade.

— E o que pretendes então com tal amor ?

— O que pretendo?... ser esposo de Flór-de-Abril.

— Ah!...

— Julgas acaso que commetto um erro ?

— Não por certo. Mas conta-me, Ernesto, quem são os pais d'assa donzella ?

— Os pais... oh! a pobresinha não conheceu a seu pai... sua infeliz mãe foi victima de um vil seductor !

O barão teve uma ligeira agitação, porém esse sentimento parecia justificar o quanto se indignava contra aquelle procedimento do infiel que havia abusado da fragilidade da mulher; e, pois, ajuntou :

— Tens razão, Ernesto... tu pensas bem. O homem que illude a uma pobre moça e que a sacrifica, nodando para sempre a sua honra, o homem que assim desconhece todos os deveres da religião e da moral, deve ser banido

da sociedade, deve ser olhado como um infame, porque cavou a ruína de uma moça.

— Sim, Affonso, a desditosa mãe de Maria n'um instante de delírio se abandonára nos braços de falso amor, e a deshonra matou-lhe a esperança do coração; e entretanto a infeliz Eugénia, sempre entregue á maior melancolia, mostra sentir n'alma a dôr do arrependimento que lhe amargura a existencia; todavia, ella procura sorrir para a sua innocente filha, a cujas caricias a extremosa mãe não pode resistir.

— Pobre moça! murmurou o barão commovido. E de que maneira vive a pobre mãe?

— Do seu trabalho, junto de seus velhos pais.

— Ella então os sustenta com esse trabalho?

— A principio Eugénia assim fazia; mas hoje não, por que uma mão bemfazeja e mysteriosa soccorre a infeliz familia.

— Oh! ha mysterio na historia? isto provoca-me o desejo de ouvi-la. Não me fazes este obsequio, Ernesto? conta-me tudo.

— De bom grado, Affonso; presta-me attenção.

E o joven relatou toda a historia da pobre familia ao barão, não olvidando cousa alguma desde a demanda que Simão tivera com João Antonio, até o ponto da sua vinda para a casa do Dr. L. Alvares, comprehendendo tambem na narração o encontro inesperado de Ernesto com Flôr-de-Abril, e o sonho que esta tivera com a Virgem Santa.

Affonso mostrou-se surprehendido ouvindo todos esses episodios.

— A historia é interessante, Ernesto, e não deixa de commover-me. Já estou ancioso por ver o pobre Simão que tem soffrido resignado tantos infortunios, quero conhecer essa alma nobre que assim tem supportado o peso da desgraça.

— Pois n'esse caso eu te levarei junto de Simão, e ahí apreciarás o honrado velho, digno da maior estima; conversarás tambem com a pobre Luiza, e no semblante sympathico da desditosa Eugenia tu has-de ver os traços de uma dôr concentrada, de um sentimento infindo que rala o coração da infeliz...

— Está bem, Ernesto; nós lá iremos, respondeu o barão interrompendo consternado a seu primo; tu me fallaste ainda ha pouco do teu consorcio com a neta de Simão.

— Consorcio que para realisar-o só espero o consentimento de meu pai, objectou gravemente o joven.

— E contas com isso?

— Que duvida!

— Vou te fazer uma observação, Ernesto.

— Eu te ouço, falla.

— Tu desejas mesmo desposar a essa menina?

— Já não te disse que amo aquelle anjo do céu?

— E não te envergonharás um dia quando murmurarem que escolheste para tua esposa a filha de um amor reproavado, que nunca poderá proferir o nome do pai?... não será isto um dezar para ti?

— Não! não! exclama o joven com ardor. Que me importa que Maria seja filha do peccado, quando a sua alma é pura, e quando de seu peito sahem os effluvios da innocencia e da candura? Que me importa que Maria nunca possa encontrar a seu pai, quando ella acha tão doce nome no seio de Deos, infinitamente bom e misericordioso!

— Basta! basta! murmurou o barão apertando vivamente a mão de Ernesto e sorrindo-se bondoso; de sobra conheço as tuas excellentes qualidades e confesso-me vencido pela força de tua incontestavel logica, e assim só te peço um obsequio.

— Qual, Affonso?

— Quero me achar presente no dia do teu consorcio com a linda menina.

— Isso dá-me muito prazer.

— E assim, Ernesto, desde já estou convidado. Agora poderemos dar o passeio á casa do nosso Luiz Alvares e depois iremos ver a Simão.

N'esse momento entrava na sala o Sr. Pimenta, que vinha, segundo o seu costume, *tagarellur* com o seu hospede, sem ainda saber que tinha em seu hotel o barão da Rocha-Negra.

Emquanto este e Ernesto ouvem as *prosas* do importuno locandeiro, leveinos o leitor á casa do nosso bom velho Simão para vermos o que ahi se passa.

O ancião, graças aos cuidados do medico, experimenta visiveis melhoras na sua enfermidade, tanto que já *move as tremulas pernas*, fazendo pequeno exercicio pela *varanda da casa*, apoiando-se em duas molêtas.

A familia de Simão abençoava o facultativo por tão feliz cura, pensando, todavia, ser isso um milagre de Deos.

Flór-de-Abril está junto de sua amiga Emilia, e com ella conversa em baixo d'aquella laranjeira que já *descrevemos*, cuja folhagem é agitada pela briza da tarde que refresca o ar tepido dos ultimas dias de Outubro.

Escutemos o que diz a galante Maria, em cujo semblante tão doce apparece agora uma ligeira nuvem de melancolia esvoaçando-lhe pelos carmineos labios um leve sorriso de tristeza.

— Tenho hoje um sentimento no coração, minha amiga, e não sei o que será de mim se...

— Tu com sentimentos, Flór-de-Abril?... exclamou a filha de Luiz Alvares, surpresa.

— Sim... o meu padrinho vigario....

— O que é?

— Fallou-me em um casamento.

— Devéras, amiga?!

— Devéras.

— E com quem quer elle que tu cases?

— Com um moço viuvo que tem dois filhos.

— E tu o que lhe respondeste?

— Nada; principiei a chorar.

— E o Sr. Simão o que disse a teu padrinho?

— Não sei; elle não estava presente.

— Como?

— O padrinho chamou-me hoje cedo ao quarto de minha mãe e ahi, cerrando a porta, mandou-me sentar perto de si, e pegando-me nas mãos, fallou-me muita cousa.

— E tu então não lhe disseste nada?

— Nada; chorava.

— E depois?

— Depois ainda me fallou que o moço que me destinava para marido possuia um bom coração e que me havia de tratar muito bem.

— E tua avó não ouvia isso?

— Não, Emilia.

— E nem a mamãe?

— Nem ella.

— Já adivinhei tudo, Flór-de-Abril...

— O que?

— O vigario prevenio por certo a teus-avós e a tua mamãe, por isso....

— Ah!... elle deu-me dois mezes de espera para esse casamento.

— E o primo Ernesto...?

— Ernesto?... oh! meu Deus!

E Maria principiou a soluçar, contristando a Emilia que

logo tomando ambas as mãosinhas de sua amiga, disse-lhe, procurando tranquillisal-a :

— Olha, não chores assim, que me contristece...escuta, eu vou pedir a papai para empenhar-se com o primo; elle casará contigo... acredita.

— Sim, Emilia... eu o quero muito...

E Flôr-de-Abril, nos transportes do seu anior, era encantadora : suas lindas faces, inundadas de acretoces lagrimas, que a emoção lhe arrancava do coração, disputavam o encanto magico da bella rosa da madrugada com suas perolas de matutino orvalho.

Ella, mirando a sua amiga, balbuciou com repassada inflexão de ternura :

— E eu que amo tanto, Emilia! oh! o padrinho não sabe do mal que faz á sua afilhada... eu morrerei de pezar...

— Tu has-de ser esposa do primo; socega.

— Se assim fosse!...

E Flôr-de-Abril suspirou.

— Pois não é elle a imagem do teu sonho?

— E'...

— A Virgem Santa, pois, fará a tua felicidade.

— Minha fé toda é em Nossa Senhora.

— Sim, tem fé; aquelle sonho do céo que tiveste, se realisará...

— Então tu me promettes fallar com o teu papai?

— Prometto.

— Quando?

— Logo mais.

— Sem falta?

— Sem falta, mas com uma condição...

— Qual, Emilia?

— Não te quero ver triste, porque tambem fico triste.

E Maria, tirando apressada um lencinho branco das

mãos da amiga, com elle limpou os olhos molhados, esforçando-se por mostrar-se risonha, e disse :

— Olha, já não estou alegre agora?

— Assim... assim quero ver-te sempre, e em breve tu serás minha prima.

O rosto de Maria expandio-se com um sorriso de esperança.

Por fallarmos em casamento, lembro-me contar-te uma novidade.

— Que novidade, Emilia?

— Aquelle *Manoel dos bons olhos*...

E Emilia deu uma risada, como se apreciasse jocosa scena.

— Do que é que estás rindo, amiga?

— Ora! de quem mais ha-de ser senão d'esse bobo?

— Pois o que fez elle?

— Teve a ousadia de dizer-me, hontem á noite, que morria por mim e que queria ser meu esposo!

— E o que lhe respondeste?

— Mostrei-lhe o riso do desprezo, e elle não se offendeu com isso.

— E teu papai não ouviu essa declaração?

— Papai conversava com o primo e mãinã, e enquanto eu tocava piano, *Manoel dos bons olhos* chegou-se a mim e fallou-me.

— E' um bom casamento para ti, Emilia,olveu Flôr-de-Abril sorrindo ingenuamente; elle é poeta.

— Aquillo poeta, amiga?...

— Mas elle não faz versos?

— E' um velho tolo que nada sabe.

— Ah!

— Julgavas então que eu sympathisava com tal idiota?

— Julgava.

— Pois fica sabendo que o aborreço, e por meu respeito semelhante *coisa* vem em quasi todas as noites massar a papai e a mamã; e agora o primo Ernesto toma tambem a massada em ouvido-o.

— Oh! observou Flôr-de-Abril; antes que me esqueça de uma cousa...

— Falla, amiga.

— Tu não conheces aquelle senhor de ar tão nobre, que hontem esteve lá em tua casa?

— E' um parente do primo, que veio de longe e está hospedado no hotel do Pimenta, elle é muito rico, segundo me disse Ernesto.

— E se eu te contasse uma cousa...

— O que é?

— Fiquei gostando das maneiras d'esse homem; sentia no coração um não sei que inexplicavel ao contemplá-o.

— São sympathias, Flôr-de-Abril, e das quaes resulta ás vezes grande amizade. Quem nos diz que Antonio de Mello virá ainda ser amigo de tua familia?

Maria pensou um momento.

Depois ajuntou, fixando a Emilia:

— Oh! quem me déra a sua amizade! eu não sei contar-te o que sinto por esse homem, como já te disse. Mas, escuta... mamã me chama lá dentro.

— Pois vamos.

D'ahi a pouco as duas donzellas estavam juntas de Eugenia, que trabalhava no seu estrado bordando um lencinho branco para Emilia. Eram seis horas da tarde.

Simão, havendo feito o seu exercicio, descansava n'uma rêde em seu quarto, conversando baixinho com a boa Luiza sobre o casamento de Maria. Elles não pensavam que Ernesto esperava fazer a felicidade da galante Flôr-de-Abril, dando-lhe o titulo sagrado de esposo.

CAPITULO OITAVO.

Uma rixa. — O aventureiro planeja o assassinato do commendador João Antonio.

Tres dias se ha decorrido depois da scena que reproduzimos no capitulo antecedente.

Levemos o leitor á casa de Apollinario Lopes.

São cinco horas da tarde.

Em sua sala vamos encontrar o Jacarandá, o capitalista Peçanha e o tenente-coronel R. Elles conversam a respeito de João Antonio.

Escutemos a conversa.

— Sr. Apollinario, volve Peçanha tomando uma boa pitada de canjica ; ouvi dizer que o commendador está meio deliriado.

— Deliriado como, senhor ? interrogou o subdelegado surprezo.

— O que é?... o que é?... grita o rabula abrindo a bocca e applicando o ouvido.

— Dizem que o nosso João Antonio está para perder o juizo, respondeu o capitalista com sorriso de indiferença.

— Ah ! isso é máo, é máo, murmurou o Jacarandá tambem sorvendo uma pitada de tabaco ; mas esse homem....

— Quem lhe deu semelhante noticia, Sr. Peçanha !

— Ouvi isto ao negociante Silva, Sr. Apollinario.

— O Silva ? inquire o tenente-coronel ; esse homem não é fabuloso.

— E que motivo teria o commendador para soffrer esse mal? retorquiu o subdelegado fitando o capitalista.

— Eu lhe digo, Sr. Apollinario: é sabido n'esta cidade que João Antonio está apaixonado da linda viuva do Guimarães, e ainda ultimamente se deu aquelle rapto da moça, do qual culpavam o commendador, e de cujo rapto resultou ficar ferido o joven Epiphanio de Mattos.

— Sim, observou o rabula, que tendo arrastado a sua cadeira para junto de Peçanha, ouvira o que este disséra; eu estou bem enfrornado d'estas cousas... o Sr. Apollinario já sabe de tudo, e demais o fidalgo parece-me que anda mettido em mãos lenços.

— Como, Sr. Jacarandá? volve o tenente-coronel, admirado.

— Pois V. S. não sabe que o juiz municipal tem disposição de pronunciar o commendador?

— De que maneira?

— Sr. tenente-coronel, pensei que V. S. estava mais em dia com estes negocios, redarguiu o advogado levando os dedos á boceta do capitalista, que tambem sorvia uma pitada de cangica.

— Tenho ouvido fallar alguma cousa abi pela cidade; mas a nada dou fé, porque costuma-se fallar muita cousa atôa.

— O Sr. tenente-coronel parece bem estranho dos negocios do seu amigo.

— Seu amigo?... me explique isto, Sr. Jacarandá; pois já deixou a amizade de João Antonio?

— Qual amizade, Sr. tenente-coronel! o commendador não tem amigos, porque...

— Alto lá, Sr. advogado! murmurou Apollinario mostrando sua dedicação por João Antonio; aqui estou eu que sou amigo d'elle...

— E mais eu, accrescentou Peçanha abrindo a bocca indolentemente, como se o somno quizesse acommettel-o.

— Aquelle commendador para mim pouco vale; é um...

— Sr. Jacarandá, faça-me o especial obsequio de não fallar aqui o nome do meu amigo João Antonio, objectou o subdelegado gravemente.

— Mas, Sr. Apollinario, retorquiu o rabula com zanga, o commendador é um homem sem palavra, elle logrou-me em trezentos mil reis, e agora o resultado é....

— Sr. advogado, já lhe disse que....

— O que é isto, senhores? estão se alterando? exclama o tenente-coronel levantando-se de sua cadeira.

— Haja paz, meus senhores, haja paz! disse o capitlista assoando o nariz no seu lenço de alcobaça.

— Mas, Sr. Apollinario, volve Jacarandá despeitado, João Antonio tratou-me em *ar de resto*... eu que sou homem d'alguma importancia n'esta cidade, eu que tenho...

— Suspenda, Sr. advogado, suspenda! nem mais uma palavra contra o commendador, lhe peço, mudemos de conversa.

— Pois bem, Sr. subdelegado, calar-me-hei; porém já que não quer ouvir as minhas razões, ao menos restame o desejo de ver em breve o tal commendador ajustar contas com a justiça.

— Sr. Jacarandá!... resmungou Apollinario raivoso.

— O que é que está dizendo, homem?! volveu o tenente-coronel, surprehendido.

— Está louco? pondera Peçanha abrindo a sua boceta.

— Meus senhores, continuou o rabula zangado; já que o Sr. subdelegado não quer ouvir fallar do seu amigo *fidalgo*, nada mais digò.

— Sr. Apollinario, volveu o tenente-coronel, lembro-

me agora saber se é com effeito verdade que o cárcereiro deixou evadir alguns réos da prisão?

— O juiz municipal está procedendo a respeito, mas affirmão que a chave do xadrez fôra roubada ao carcereiro, arrombando-se a porta da rua na noite de sexta-feira.

— Qual, senhores? rosnou o capitalista; os presos evadiram-se por conivencia do tal carcereiro Bento, dê lá para onde dêr.

— Talvez, respondeu Apollinario meio contrariado pelo nenhum conceito que faziam d'esse empregado; é provável isso, mas esse empregado tem cumprido com os seus deveres; sou suspeito em pronunciar-me assim, porque a empenhos meus elle arranjou o lugar que exerce, mas....

— Espere, Sr. Apollinario, espere, ajuntou Peçanha; eu dou razão ao meu dito... na vespera da fugida dos presos, ás oito horas da noite, mais ou menos, viram um vulto entrar em casa do carcereiro.

— E que prova faz isso, senhor?

— Muita.

— Como?

— Eu lhe explico, Sr. subdelegado: o Silva me informou que o tal vulto esteve algum tempo com o carcereiro, e que depois se retirára, entrando em casa de Leopoldo de Campos.

— Leopoldo não está na cidade, Sr. Peçanha; ha muitos dias que sua casa se acha fechada.

— E para onde foi elle, Sr. Apollinario.

— Não se sabe, senhor.

— Isto me cheira a algum mysterio, murmurou o capitalista mirando o subdelegado.

— Mysterio... mysterio... resmungou Jacarandá tendo

ouvido em silencio o dialogo que se dera; em breve teremos de ver muita cousa interessante...

N'esse momento ouve-se bulha de passos, e logo a physionomia taciturna do commendador João Antonio se apresenta á porta da sala.

Todos ficaram estupefactos ao vel-o e se levantaram para cumprimental-o, menos o rabula que o saudou friamente.

— Então o que estão fazendo, senhores? inquire o commendador com arrogancia; tratam d'algum negocio importante?

— Estavamos tratando, meu nobre amigo, do nosso Leopoldo de Campos, que....

— Leopoldo, Sr. Apollinario?!... acaso...?

João Antonio perturbou-se de repente, interrompendo o seu amigo, fez uma careta e não completou a phrase.

— Sim, Sr. commendador, era a respeito d'esse homem que tratavamos, volve Pecanha sorrindo para João Antonio; porque a sua ausencia da cidade é muito mysteriosa.

— Ah! rosnou o terrivel titular disfarçando essa agitação.

— Ha muitos dias que não vejo a V. S.; ouvi dizer que o Sr. commendador andava incommodado de saude.

— E' verdade, Sr. tenente-coronel, tive um pequeno *contratempo*, porém aqui me acho hoje entre os meus amigos.

Jacarandá, durante esta conversa, havia tomado uma folha de S. Paulo e a lia junto da mesa do subdelegado, como não dando fé de João Antonio.

Este olhou para o rabula, dizendo:

— Oh lá, Sr. advogado! o que achou ahi que está tão entretido? falle alguma cousa.

O rabula não se moveu e parecia não dar ouvidos ao commendador

Os amigos do *fidalgo* ficaram surprehendidos pelo procedimento de Jacarandá.

— Então, Sr. rabula, não me responde?

— Vossa senhoria cuide dos seus negocios e não se importe comigo, Sr. commendador, porque eu....

— Ora bonito, Sr Jacarandá! quer divertir-se... o senhor bem me conhece e... veja lá com quem bole... eu sou *muito grosso para palito!*

O advogado ficou silencioso, sempre lendo o jornal.

— Este homem é uia malcriado! um insolente! resmungou João Antonio com raiva.

— Insolente! insolente! gaguejou o rabula atirando a folha e levantando-se, como quem se dispunha para sahir; em breve, Sr. commendador, veremos desvendado o mysterio de sua vida, e então....

— Atrevido! tu não sabes com quem trataes?! desconheces o poder do commendador João Antonio?! rugio esse homem terrivelmente.

— João Antonio, gritou Jacarandá com raiva, é um grandissimo caipira! um malvado! um.....

— Eu mato a este doudo!

E no mesmo instante o commendador leva a mão ao peito do advogado que não esperava por tal aggressão, fica suffocado de ira; mas Apollinario, o tenente-coronel e Peçanha intervieram entre os dois inimigos, procurando apazigual-os, quando á porta da sala apparece um moço, decentemente vestido, e fica estupefacto vendo esta scena tão ridicula.

Com algum trabalho os amigos de João Antonio conseguiram livrar o rabula das mãos de ferro do seu inimigo. Este espumava furioso, querendo novamente acommet-

ter a Jacarandá, que parecia disposto a rebatel-o, proferindo ambas palavras vis e indignas, e logo Apollinario dando com o moço, que tudo contemplava, disse-lhe secamente :

— Ordena alguma cousa, Sr. tabellião?

— Sim, quero fallar ao Sr. commendador, de ordem do Sr. Dr. juiz municipal do termo.

Apezar do furor que tomou o coração de João Antonio, todavia, virou-se apressado ouvindo aquella voz, e fitando um momento o emissario do juiz, empallideceu e ficou aniquilado.

Todos olharam para esse homem, cuja consciencia criminosa o intimidava. Jacarandá, com o semblante convulso e cheio de colera, fitou o seu inimigo, como adivinhando que o tabellião vinha ali para intimar algum despacho crime a João Antonio, que lhe convinha ouvir-o, e para isso applicou o ouvido.

— Sr. commendador, disse o moço dando dois passos para diante, venho intimar a V. S. para que me acompanhe á casa do Sr. Dr. juiz municipal, afim de se averiguar um negocio de muita importancia.

— Eu.... eu.... balbuciou João Antonio sentindo um tremor involuntario; será possivel que....

— Sim, Sr. commendador, da parte do juiz intimo-lhe que me acompanhe.

— Mas eu....

— Se V. S. recusa, então....

— Nós o levaremos até la, Sr. commendador, disseram o tenente-coronel e Peçanha.

— E eu tambem irei; teremos muita honra n'isso, acrescentou Apollinario, como dando a entender a João Antonio que nada receiasse.

Esses homens não sabiam o que pensassem ácerca de

tal notificação; entretanto, julgavam haver n'ellá algum mysterio, cujo véo seria talvez rompido em presença do magistrado.

Momentos depois, aquelles individuos seguiam para a casa do juiz.

Jacarandá pareceu tudo comprehender, por isso que, zangado como se achava contra o commendador, agora mais que nunca desejava a sua perda, contando certo que a justiça não deixaria de exercer a sua acção, punindo assim o criminoso.

O advogado estava ao facto d'algumas *façanhas* de João Antonio, que não as pode referir aos amigos do *fidalgão* por ser-lhe obstado por Apollinario, como o leitor sabe.

O rabula tinha relações com Fabricio, visto como eram collegas no fóro, e á instancia d'aquelle o joven o sciencíficára d'esses mysterios que se davam na cidade a respeito de João Antonio, Epiphanio, Carolina e o desconhecido personagem.

Jacarandá foi atraz do commendador, ancioso por ver o resultado de semelhante negocio, tendo esperanza que o seu inimigo sahiria da casa do magistrado para a cadêa.

Duas horas se ha escòado.

E' noite.

Vejamòs agora o que faz o aventureiro Leopoldo, que se acha em companhia do Peito-Cabelludo, cuja scena se passa ás sete horas da tarde do mesmo dia em que se deram aquellas que já referimos.

Esse bandido, graças ao dinheiro do aventureiro, estava livre da cadêa, tendo sido o carcereiro preso, por cujo crime era responsabilizado pelo juiz municipal.

Leopoldo e Cabelludo ajustavam o assassinato de João Antonio.

— Sr. Roberto, disse o ex-professor para o ladrão, vamos fixar o nosso trato, pois o tempo corre velozmente.

— E' já n'este baque, meu amo.

— Quero que o commendador seja morto esta noite ou amanhã, seja lá por que modo fôr; dar-lhe-hei uma boa quantia.

— Meu amo, *vauncé* manda n'este parceiro... se não fosse *vauncé*, eu ainda estaria lá na gaiola, e assim...

— Diga-me, Sr. Roberto, quer incumhir-se de ajustar o Bernardo Feiticeiro para lhe ajudar a fazer a *limpeza* de João Antonio?

— Meu amo, eu não tenho medo d'esse homem e posso *espichal-o* assim cantando: — *Sinhá já foi...*

— Bom! boim! volve Leopoldo satisfeito; quer dizer que só o senhor é bastante para *alliviar* o tal *fidalgo*.

— Já disse a *vauncé* que filo o *bicho* pelo caxasso.

— Dou-lhe duzentos mil reis contadinhos, Sr. Roberto.

— Ora, meu amo... murmurou o bandido hesitando; essas *cutias*... a modo que não diverte o parceiro...

— Ah! já o comprehendendo, ajuntou o aventureiro sorrindo e olhando para o ladrão; pede uma quantia maior, pois eu lh'a darei se me trouxer aqui a ponta da orelha de João Antonio.

O Cabelludo deu uma risada, tomando o negocio em ar de graça.

— Meu amo está *pauteando*? interroga elle.

— Fallo-lhe serio, Sr. Roberto; quero a ponta da orelha do tal commendador; isto será o recibo da quantia que hei-de dar-lhe.

— Tópo, meu amo, tópo, mas *escuite vauncé* uma coisa: se eu não puder cortar a orelha do *bicho*, assim por um *causo* que o parceiro não espera...

— Sr. Roberto, disse Leopoldo batendo no hombro do

bandido, o negocio fica ajustado com essa condição: tendo eu certeza da morte de João Antonio, pode vir procurar a quantia de trezentos mil reis, que é a maior somma que lhe dou.

Peito-Cabelludo pensava.

— E se eu não cumprir á risca a minha palavra, acrescenta o aventureiro com cynismo, n'esse caso então fará o que muito lhe parecer; pode denunciar-me á justiça ou matar-me em qualquer lugar onde me encontre. O que diz? serve-lhe?

— Está filado, meu amo, está filado o ajuste! respondeu o ladrão em certo tom de satanica satisfação.

— Ouça-me, Sr. Roberto. Se encontrar a João Antonio na cidade esta noite, fica-lhe muito favoravel ir esperal-o no caminho, e lá o mandará para o outro mundo pagarao diabo as *boas obras* que cá tem feito.

— Se esbarrar com o tal *bicho*, meu amo, ponho-me na *pista* d'elle, e o *arraza-mundo* *estraféga tudo*.

— Isto mesmo é o que quero.

— Ah! meu amo! eu pilhando-me com as *cutias*, *amunto no baio e bato guásca* por esse caminho fóra.

— Nada mais tenho a dizer-lhe, Sr. Roberto, e volveu Leopoldo levantando-se da cadeira.

— Meu amo, conte comigo, murmurou o bandido sinistramente, retirando-se da sala do aventureiro.

Este, ficando em silencio por alguns segundos, disse depois:

— Minhas conjecturas estão feitas, quero só a morte do meu *amigo fidalgo*, e o rapto do meu anjo formoso, cuja imagem faz os encantos dos meus sonhos. Já não me importa o mysterioso desconhecido, e nem o nescio Epiphanio com a sua linda Carolina, deixo-os em paz e não mais os persegurei; metade dos bens de João Antonio e a

posse da donzella seráõ sufficientes para recompensar todo o trabalho que tenho tido n'esta longa intriga.

E depois, tomando um tom declamatorió, proseguio :

— Pouco te falta, Leopoldo, para chegares ao cumulo dos teus desejos!... animo! que sahirás victorioso, e... um bello futuro te aguarda!...

O aventureiro, assim pensando, não se lembrava de Deos, Deos que tudo vê lá do alto do céo, premiando o bom e castigando o máo.

— Vamos á *cata* da Cegonha, ajuntou o ex-professor pegando o chapéo e embuçando-se na sua capa; é noite escura e ninguem me conhecerá.

Instantes depois, tendo fechado a sua casa, sahira para a rua.



CAPITULO NONO.

**Os dois bandidos; um ajuste terrível. —
Eugenia scisma com o barão da Rocha-
Negra. — Regozijo de Ernesto.**

São oito horas da noite.

N'um dos arrabaldes da cidade, lá perto d'uma casinha arruinada, estavam conversando dois vultos, os quaes pareciam tratar ahi algum negocio sinistro.

Vejamos quem são, escutemos o que elles dizem.

— Palavra, Feiticeiro! disse a voz do Capador; que o tal Leopoldo não é biscoito! aquillo é da manta do tinhoso! *deu volta* ao Bento da *casa fria*, e tu foste um dos passarinhos que....

— Falla baixo, Gonçalo, falla baixo, respondeu a voz grossa do *medico dos feitiços*; pode alguém passar ahi pelo caminho e nos pôr depois nas *embras*. A *gaiola* não é para chalça.

— E eu, Feiticeiro, em ar de *te-nhem-nhem-no-mas-que*, bato por aqui assim sem encontrar nada que me abixorne, palavra! a *bixa* tem andado á minha *pista*, mas o dianho do commendador *passa lingua* com Apollinario, e os *morcegos* não me perseguem. Olha, Feiticeiro, eu ando ali pela cidade, trocando as gambias, e não encontro um parceiro que divirta o companheiro... outro dia cozi a *fria* no Epiphanio, lá na casa da viuva do emboaba, e o dianho do rapaz não coxilou no capim, e ainda em cima o capitão chuchou no dedo e não aproveitou a *pombinha*, palavra!

— Conta-me isso, Capador.

— E o commendador ficou levado da bréca ! era o canhóto em figura de gente !

— O que fez elle então ?

— Assim em ar de caiapiá, o patrão comeu terra, Feiticeiro; porque aquella *caseira* botou tudo pela agua abaixo; aquillo foi o diacho, e João Antonio tem que ver bóias com a *bixa*.

— Como assim, Capador ?

— Pois essa cabocla, Feiticeiro, sabia d'umas historias e... o capitão está no apá se facilitar a *caseira*, a *pé de gallo* !...

— E tu não me contas essa *arengola* ?

— Espera, Feiticeiro, mais tarde te direi tu 'o isso *tim-tim por tim-tim* ; vou te contar agora um *causo*... mas primeiro deixa-me botar o pichóá na bocca.

— Anda, Capador, come lá o teu fumo, e *bamos* saber o tal *causo*.

— Porém isto não é biscoito para se *pautear* aqui n'e te lugar; *muscamos* ali atraz d'a quella moita d'ê ramos.

E os dois bandidos se retiráram para esse lugar.

Logo que ahi paráram, o Capador disse :

— Olha, Feiticeiro, encheremos a pança.

— Como ?

— Temos côco ahi como terra, parceiro !

— O que é que estás resmungando ?

— Não capiskas, Feiticeiro ?

— Bota-me isso no claro, Capador.

— Tu não te lembras, um dia, lá na *arutuca* do pai In-dá, quando eu disse que deixaria crescer bem a *burra* do patrão Leopoldo...

— Anda para diante.

— Pois o côco ha-de vir agora para o *cotucum*.

- Então queres *alimpar* o companheiro?
— A-q-u-i, Feiticeiro.
— Diacho! já tens o *congote* tão carregado.
— Isso não abixorna o parceiro, palavra!
— E tu fazes isso devéras?
— Masquei fumo!
— Leopoldo te fez alguma *pirraça*?
— Qual *pirraça*? eu para dar conta d'um companheiro não sou chalaça, palavra! é só... záz! que a *fria* já está no bucho do parceiro!
— E's um *butà amargosa*!
— Em ar de *te-nhem-nhem-no-masque*, mato gente *ahipor dé rcis de mel coado*!
— Tu não és para graças, Capador!
— Olha, Feiticeiro, Leopoldo n'estes tres dias *ha-de* coxilar no capim.
— Safa!
— E tu irás comigo.
— Eu?!
— Tu mesmo; terás algum côco.
— Porém, Capador, eu tenho medo da *gaiola*.
— Com os dianhos! tudo te abixorna! pois tu não és o *mestre velho*? tu não fazes o diabo roncar nas tripas d'um parceiro?
— Mas lá na *gaiola* não se brinca.
— Deixa-te de seccas e escuta a *coisada*. Depois d'amanhã, de noite, eu levarei um ferro de gaúcho, que se chama gazúa, para abrir as fechaduras, e assim nós botaremos os gadanhos na *burra* de Leopoldo, palavra! Aqui n'este lugar me esperarás para depois se *filar* o parceiro.
— E se elle *arençar* contigo?
— Boto-lhe a *fria* no *sangrador*, assim como quem mata a um porco.

- E tu não tens receio d'isso?
- Ora, Feiticeiro, nós acharemos lá muito côco.
- Disse, Capador! eu te acompanho, com tanto que não me faltes com a *cherpa*.
- Leopoldo está na unha, Feiticeiro, palavra!
- Porém, espera...
- O que, Feiticeiro?
- Quando botares os gadanhos na *burra*, eu também te ajudarei.
- A pé de gallo, Feiticeiro! arranjaremos a *coisada* em ar de caiapiá. Olha, assim que Leopoldo coxilar no capim e a *burra* estiver no *cotucum*, *musco* por esse mundo fóra, e a *bixa* não abixornará o parceiro.
- Prompto, lesto e agudo, disse o Feiticeiro satisfeito.
- Eh! eh! isso será um *ganbello* (*), ajunta o Capador batendo no hombro do *medico dos feitiços*. Para onde te muscas agora?
- Vou procurar o pai Indá na cidade, e pode ser que o esbarre. E tu, Gonçalo?
- N'este baque bato perna para a fazenda do commendador, pois amanhã vou justar minhas *contas* com elle.
- E vais a pé?
- Vou no *russo siroulas*... sabes que cavallo é, Feiticeiro?
- Este deu uma risada e murmurou:
- Ao menos o *russo siroulas* não precisa de esporas e nem de arreios.
- D'ahi a pouco ambos tomavam direcção diversa.

N'essa mesma noite outra scena muito differente se dava em casa do honrado Sinião Rodrigues.

(*) *Ganbello* significa — felicidade.

Vejamos agora o que se passa no quarto de Eugénia.

Ella está só, sentada na sua cama, e parece ter o pensamento preso n'algum objecto.

— Meu Deos! murmurou ella comsigo; seria possível que me enganasse?... mas que semelhança tão extraordinaria entre elle e o algo....

E a moça não acabou a phrase; é que em seu coração ainda volteava a imagem do homem que a havia seduzido, é que a palavra *algoz*, que ella ia proferir, era por demais dura para referir-se a aquelle que lhe tinha promettido um futuro orlado de flôres, uma existencia circulado de encantos, que a tinha embalada nos mais doces effluvios de uma ternura infinda, de um amor ardente e indizível; e o tempo não tinha podido riscar de stia memoria esses sonhos dourados que ella aleitou com tanto ardor, de maneira que, mesmo despenhada ao negro abysmo em que se achava, só com saudosa emoção se recordava do seu amante, e se uma nuvem negra perpassava em sua alma, e um pensamento ressentido lhe distava a sua desgraça, ella não tinha forças para exprimi-lo, e antes eram as lagrimas um limitivo aos seus acerbos soffrimentos.

E Eugénia curvou a cabeça, e logo de seus olhos rebentaram duas lagrimas, que se deslizaram pelas faces, de cujo sentimento deu um suspiro repassado de dôr profunda e ficou por alguns segundos em silencio.

Depois limpando essas lagrimas do coração com um lenço, disse tristemente, como quem se certificava de um engano:

— Não é elle, não...

E a moça soluçou ainda um instante, como se a imagem d'esse homem, que em sua idéa se retratava, lhe despertasse a lembrança do infiel mancebo que lhe havia tirada o brilho

d'alma, deixando-a entregue á dôr pungente do arrependimento.

— Para Deos nada é impossivel; tudo pode ser... proseguiu a pobre Eugenia com verdadeira emoção de fé; quando julgamos que os nossos males não têm fim, quando parece-nos que a bondade divina nos abandona, eis que o anjo da felicidade lá desce do céu, vindo de repente alegrar corações estalados pela dôr e almas alquebradas pelo peso do infortunio. Se o moço que me appareceu fosse o proprio que atraiçou-me... se fosse elle... eu teria forças bastantes para lançar-lhe em rosto a sua perfidia e crueldade! faria-lhe a confissão fiel do meu soffrimento e das lagrimas que tenho vertido no silencio das noites pela falta tão grave que commetti. Mas se n'esse momento sua fronte se abaixasse e reconhecesse o seu erro... eu o perdoaria, porque... o pai da minha innocente Maria é sempre aquelle que me faz despertar a saudade do coração.

E a filha de Simão calou-se por alguns instantes, continuando depois:

— Porém, esse homem, que se diz parente de Ernesto, me aviva n'alma um sentimento de profunda sympathia que não posso definir; faz-me involuntariamente estremecer o coração... minha vista se turva... Oh! será pois elle o moço que me tem amargurado a existencia?... aquelle que ha quatorze annos appareceu-me e...

Eugenia interrompeu a si mesma como se procurasse uma resposta á sua duvida.

— Não... não é... murmurou emfim; faz muita differença d'um para o outro... e meu pensamento se illudia... mas o que não posso comprehender é essa mysteriosa sympathia que tenho por Antonio de Mello... a inexplicavel sensação que me agita...

A infeliz mãe de Flôr-de-Abril foi interrompida pela boa Luiza, que entrou de repente no quarto.

— Minha filha, voltou a velha, sabes o que nos disse hoje o nosso bom vigário a respeito do casamento de Maria?

— Não, senhora, não sei.

— Pois eu te conto. Elle quer abreviar issó.

— Como, minha mãe?

— Em lugar de esperar-se dois mezes, o casamento se effectuará dentro de quinze dias.

— O que diz, minha mãe?

— E' o que te digo, Eugenia.

— Porém, Maria...

— O que se ha-de fazer, minha filha? ponderou a pobre mulher com resignação; o moço que se destina para esposo de Maria, está ancioso e atropella o vigário, e assim que remedio teremos senão annuirmos a esse pedido?

Eugenia não respondeu, mas deu profundo suspiro, limpando as lagrimas que lhe orvalhavam as faces.

Luiza tambem chorou, ficando silenciosa.

No cabo d'alguns segundos, Eugenia balbuciou:

— E Maria sabe d'isto, minha mãe?

— Não, minha filha, não sabe.

— Coitada! como não ficará quando souber que em breve nos vai deixar!... ella que tão innocente, só procura as filhas do doutor, pensando no Sr. Ernestó, o moço do seu sonho, com quem, me disse, havia de casar-se... oh! será possível que se constranja a vontade da pobresinha? será possível, minha mãe?... isto não pode ser!...

E a moça, desfeita em lagrimas, tomada da maior tristeza, cahio na cama, consternando a sua pobre mãe, que a deixou, indo para junto de Simão, oriental-o do pezar de Eugenia.

Flôr-de-Abril n'essa noite se deitára na rêde do seu

avô e ahí dormia o somno delicioso da innocencia, sonhando talvez com a felicidade e com Ernesto.

Levemos o leitor á casa do Dr. Luiz Alvares.

Este e o seu joven primo conversam na sala, que está illuminada.

— Fiquei surprehendido, meu bom Ernesto, volve o facultativogravemente, sabendo que o commendador João Antonio foi hoje para a cadêa, afim de ser amanhã interrogado sobre certos crimes de que lhe accusam; mas isto tudo por ora está sob as sombras do mysterio; ninguem sabe o que é. Falla-se ahí pela cidade que aquelle desconhecido que descobríra o trama urdido contra o joven Epiphanio de Mattos, fôra quem denunciára o commendador ao magistrado.

— E ainda tambem, doutor, observou Ernesto, aquelle facto que se déra, tendo o commendador o atrevimento de entrar, acompanhado de um capanga, em casa da viuva do Guimarães, e ahí, encontrando-se com o mesmo joven, o ferio, deixando-o por morto e raptando a Carolina...

— E' verdade, caro Ernesto; esse facto logo se espalhou pela cidade, e quando fui chamado para soccorrer o mancebo ferido, o mysterioso personagem ahí se achava, zelando cuidadoso de Epiphanio, e depois tratára de livrar a desditosa viuva do poder do malevolo commendador, a qual já se acha em sua casa, segundo me disse hontem o joven, não consumando aquelle o seu terrivel intento.

— Esse desconhecido é um homem muito singular, doutor; elle parece penetrar todos os mysterios.

— Quem sabe, Ernesto, se é o dedo de Deos que guia os passos do desconhecido?

— A vingança do céu tarda, porém chega, doutor, murmurou o joven solemnemente; se com effeito João Antonio tem a consciencia pesada de crimes, como se diz na cidade, elle deve temer-se da inexoravel justiça do Todo Poderoso.

— Muito importante ha-de ser o interrogatorio do commendador, Ernesto; e por isso lá na cadeia me acharei amanhã.

— Ha certos factos, doutor, que parecem scenas de romance; e os que ultimamente se têm passado aqui, são dignos d'uma historia; eu tambem lhe acompanharei para tomar os meus apontamentos, pois que mais tarde mandarei publicar estes negocios em alguma folha de minha provincia. Agora, doutor, vou-lhe communicar o que ha duas horas prometti.

— Sim, já me lembro... é a carta que recebeu de seu pai, não?

— E' verdade, doutor. E o que pensa sobre a resposta d'elle?

— Que lhe é favoravel.

— E' um pai que quer ver a felicidade do filho.

— Dou-lhe os parabens.

— A Flôr-de-Abril dentro de tres dias será minha esposa.

— Dê-me um abraço, Ernesto, por tão grata noticia! disse o medico apertando o joven nos braços, com sincera amizade.

— Veja a carta, doutor; é o conselho do pai extremo-so, ensinando o filho na nova senda que vai trilhar.

Luiz Alvares tomou a carta e leu-a, dizendo depois:

— O Sr. barão de P. é um homem que comprehende mui bem os deveres de um pai terno e bondoso; conser-

ve esta carta, meu Ernesto, conserve-a; é um *talisman* para o conduzir sempre no caminho escabroso da vida.

— Oh! exclamou o amante de Maria cheio de regozijo, considero-me muito feliz em ter um pai tão excellente e um amigo tão dedicado! Aconselho-me agora, doutor, se devo pedir já amanhã ao honrado Simão a mão de sua neta Flór-de-Abril?

— Pois o que espera então, meu bom Ernesto?

— N'esse caso amanhã cedo irei fallar ao pobre velho.

— Que surpresa agradável não terá Simão quando ouvir semelhante pedido! Elle que julgava que a formosa menina em breve desposaria a um moço-viuvo, com dois ou tres filhos.

— O que está me dizendo, doutor?! volve o joven admirado.

— Hontem o bom velho contou-me isso, debaixo de segredo.

— E quem era o medianeira d'esse negocio?

— O padrinho de Maria.

— O vigario A. M.?

— Sim, meu caro Ernesto.

— E Flór-de-Abril saberia d'isto?

— Por certo que sim.

— Pobremenina! quanto não terá soffrido em silencio, julgando talvez que eu....

N'esse instante bateu palmas á porta da sala, e o manebo se interrompeu.

Alvares foi encontrar-se com o barão da Rocha-Negra e Manoel Belmiro; por aleanho *Manoel dos bons olhos*; já conhecido n'esta historia.



O poeta e a sympathica moreninha.

— Sr. Antonio de Mello! disse o doutor apertando cordialmente a mão do parente de Ernesto; quanta satisfação tenho em vel-o aqui!

E logo o fez entrar na sala.

Depois virando-se para o poeta, accrescentou sorrindo:

— Sr. Manoelzinho, o que é feito de sua pessoa? Ha dias que o não vejo.

— Estive compondo umas poesias, Sr. doutor, e isso foi a causa da minha ausência de sua casa.

Ernesto, logo que avistou o barão, o recebeu alegremente, apertando-o nos braços com a maior intimidade, e murmurando:

— Isto por cá hoje é um extraordinario, primo!

— Eu te explico, Ernesto: daya um passeio pela cidade para distrahir-me, e passando por aqui, tive o desejo de ver-te e mais o Sr. doutor, cuja companhia muito aprecio.

Luiz Alvares fez uma graciosa cortezia ao barão.

— Pois não vieste junto com o Sr. Manoelzinho.

— Este senhor achei-o á porta e entrava na mesma occasião.

— Sr. Ernesto, volve o nescio amante das Musas tomando a attitude de um *dandy*; como sei que V. S. é um moço de intelligencia, tomo a liberdade de mostrar-lhe estes versos, que os compuz esta tarde; parece-me que elles...

— Oh! Sr. Manoelzinho! vejamos isso! responde o joven com faceto sorriso.

— Este homem, ajuntou o medico com o mesmo sorriso, é um bardo de apurado gosto; sua poesia é sempre amante-tica, sempre doce, sempre seductora, oh! é pena que elle...

— Sr. doutor, responde *Manoel dos bons olhos* desfazendo-se em alegria, isto é bondade sua... mas, todavia, o meu estro não é tanto assim...

— Ah! disse o barão comprehendendo a cassuada que faziam do cantor do bello sexo; não sabia que este senhor cultivava a linguagem dos anjos.

— E' um optimo poeta, primo.

— Eis aqui a poesia, Sr. Ernesto; tenha a bondade de a ler.

O mancebo tomou o papel, e lendo-o apressado, exclamou:

— Com effeito, Sr. Manoelzinho! que bella poesia! está bem apaixonada! Dê-me licença para recital-a a estes senhores.

— Mas, senhor... eu queria...

— O que, Sr. Manoelzinho?

— Que o Sr. Ernesto a recitasse á excellentissima Sra. D. Emilia... se o Sr. doutor consentir.

— Oh! senhor! volveu o medico; com todo o prazer eu o consinto.

— Então dedica esta linda composição á D. Emilia?

— Sim, Sr. Ernesto, e pelo que peço venia ao Sr. Dr. Luiz Alvares.

— Pois, Sr. Manoelzinho, vou satisfazer os seus desejos chamando a minha filha.

E assim fallando, o medico pediu licença ao barão e dirigio-se para dentro.

— Ora, Sr. Manoelzinho, diz Affonso de Mello sorrindo, porque não faz um livro de poesia? isto lhe daria muita im-

portancia... sua mercê seria admirado por esses cultivadores do Parnasso, e em breve....

— Viria a ser um grande homem, acudio Ernesto reprimindo a vontade de rir-se.

— Sr. Mello, pondera o poeta gravemente; eu tenho já soffrivel numero de versos que darão um bom volume; pretendo dal-o á luz, mas tudo isso é no caso que eu possa conseguir certo negocio; então considerar-me-hei feliz è...

— Pois esse negocio lhe obsta a publicação de um livro que deve ser tão bello, Sr. Manoelzinho?

— Sim, Sr. Ernesto, é um negocio que fará a minha felicidade ou a minha perdição.

— Como, senhor? inquire o barão com riso sardonico.

— Explique-nos isso, Sr. Manoelzinho, retorquiu o joven sorrindo.

— Mas, V. S. me ha-de perdoar, porque... é segredo...

— Ah! já o percebi! segredo em bocca de poeta quer dizer — amor!

— Oh! Sr. Mello! V. S. parece tudo adivinhar! exclamou *Manoel dos bons olhos* com a maior simplicidade; o meu mal todo é no coração... ahi é a fonte das minhas tristezas e pezares...

O barão e Ernesto não puderam conter uma risada, e cada um disse por seu turno:

— E' o que havia previsto!

— O mal dos poetas é sempre o amor!

— Amor... amor... Sr. Mello, V. S. não sabe que eu soffro...

— Os versos que lí, attestam que o seu penar é intenso, Sr. Manoelzinho, por isso já sei que ama talvez a alguma beldade.

— Beldade só? volve o amante das Musas dando-se em

espectaculo aos dois amigos; é um anjo de formosura... ou aules é uma *houry* do paraíso de Mafoma.

— Oh! oh! fizeram Affonso e Ernesto desfructando o amoroso bardo.

— E se eu contasse a V. S. outra cousa...

— Conte-nos, Sr. Manoelzinho, conte-nos, disse o joven sorrindo.

— Porém, é um segredo, e portanto não devo...

— Nós o guardamos, ajuntou o barão com apparente gravidade; pode francamente fallar.

— Sr. Mello... Sr. Ernesto... respondeu *Manoel dos bons olhos* baixinho e hesitando, eu... eu... amo a D. Emilia...

Os dois primos déram uma gargalhada.

— Os senhores parecem que cassoam comigo? interrogou o poeta meio enfiado.

— Cassoar com o Sr. Manoelzinho?... oh! não pense em tal! murmurou Ernesto procurando tomar uma attitude seria.

— Tranquillize-se, Sr. poeta, accrescenta Affonso rindo-se; eu gostei do mysterio que sua mercê nos fazia do amor. Pois então este sentimento é que priva a publicação de suas poesias?

— Se o destino me fizer gozar aquelle anjo, então...

Manoel dos bons olhos não concluiu a expressão, por que Luiz Alvares entrava n'esse momento na sala, acompanhado de sua mulher e de suas filhas.

O poeta ficou sobresaltado, e levantando-se da cadeira, foi ao encontro das senhoras, cumprimentando-as com uma rasgada cortezia.

O barão, por seu turno, cortejou a Carlota e as duas meninas civilmente.

— Desculpe-me, Sr. Antonio de Mello, observou a es-

posa do medico, de não ter vindo saudar-lhe ; não sabia que se achava aqui.

— Oh ! minha senhora ! volte o barão com delicadeza, V. Exa. não tem que pedir-me desculpa alguma ; não sou homem de ceremonias.

Todos se sentáram. D. Carlota, Emilia e Chiquinha ficáram no sofá.

— Prima Emilia, disse Ernesto em tom jovial, temos aqui uma linda poesia que lhe é offerecida por parte do nosso poeta Manoelzinho.

A donzella inclinou-se com graça e sorriu-se para o joven significativamente,

— Sim, excellentissima senhora ; são uns versos do coração, mas elles não provão assaz o quanto...

Manoel Belmiro embasbacou-se, não achando uma só palavra na idéa rebelde, e sentindo de repente o sangue affluir-lhe ao cerebro.

Todos reprimíram o riso, mas Luiz Alvares acudio logo para soegar o pobre bardo :

— Sr. Manoelzinho, fique tranquillo, está entre amigos ; Emilia terá muito gosto em ouvir a sua bella poesia.

O amante das Musas, passando o seu lençinho branco perfumado pelo rosto, e como serenando o seu espirito agitado, balbuciou olhando para o medico :

— Sr. doutor... eu... ás vezes... sou acommettido de um mal involuntario, que faz-me embrutecer o pensamento, sem que me seja dado ajuntar duas palavras.

— Não é o senhor o unico que o soffre, ponderou Ernesto sorrindo, e portanto exponha o seu pensamento.

— Senhor Manoelzinho, murmurou o barão tocando no hombro do poeta, permitta-me que lhe diga : que o homem que se dedica á poesia deve ter animo para fallar em publico, porque lá chega a occasião em que se tem de recitar

um verso heroico, um soneto, e se não houver enthusiasmo para isto, a poesia perde o merecimento, e o poeta fica contrariado, não sabendo onde esconder o rosto.

— Pois, Exma. senhora, disse *Manoel dos bons olhos* com voz alterada e fitando a Emilia, eu tive o atrevimento de dedicar-lhe estes versinhos de cinco syllabas, e se V Exa. dá-me permissão, o Sr. Ernesto os declamará.

— Oh! Sr. Manoelzinho! exclamou a sympathica moreninha com sorriso mofador; consinto que o primo leia os seus versos.

— Esculemos a poesia, meu bom Ernesto, volve Luiz Alvarés mirando o poeta.

* → O tal Manoelzinho, resmungou Emilia ao ouvido de Chiquinha, nos vai hoje dar espectáculo; é forte teima!

A menina deu uma risadinha para sua irmã, respondendo-lhe baixinho:

— E' um bobo, Emilia.

— Devem ser mui bellos esses versos, acudio o barão olhando tambem para *Manoel dos bons olhos*.

— Primo Ernesto, accrescentou D. Carlota no seu tom jovial, leia-nos a interessante composição do nosso cantor, estou anciosa por ouvi-la.

— Então haja silencio murmurou o mancebo abrindo o papel que tinha nas mãos; eu principio...

— Escutemos os taes versinhos, ajuntou Luiz Alvares apreciando de antemão a jocosa scena que ia-se dar.

Ernesto affectou uma attitude grave e leu com emphase:

« Vivo saudoso
« Do bem amado:
« E em toda parte
« Sou torturado...

« Debalde procure
« O meu amor;
« Elle me foge,
« Cruel, traidor!

« Forte desdita
« Do pobre cantor!
« E noites tristes
« Passa com a dôr!

« Vive a penar,
« Vive a chorar,
« Sem ter certeza
« Do seu bem gozar... »

Ouvio-se grande hilaridade na sala; o Dr. Luiz Alves e o barão exclamavam por sua vez, não interrompendo as risadas que davam D. Carlota, Emilia e Chiquinha:

— Que poesia de amores!

— Que composição bellissima! disse Ernesto dando uma risada. Incomparável poeta! cantor delicioso de amor! tu és um genio! Recebe as minhas felicitações!

Manoelzinho não achava expressões para responder a tantas *provas de admiração* da parte d'essas pessoas; e, pois, com o semblante tomado de regozijo, fazia rasgadas cortezias a D. Carlota, a Emilia e Chiquinha, que ainda riam-se do nescio amante das Musas.

— Seus versos... seus versos... são... oh! nem sei o que lhe possa dizer, murmurou Emilia rindo-se.

— Esta composição harmoniosa, volve Ernesto affectando o maior sério e tocando na mão de Manoel Belmiro, deve encher-o de orgulho, porque patentea o seu grande talento no mundo da poesia.

— Nunca me passou pela idéa que n'esta cidade viria encontrar uma intelligencia tão bella, um poeta de tanto merecimento como o Sr. Manoelzinho, ajuntou Affonso de Mello apreciando o desfructavel cantor da roça.

— Sr. Manoelzinho, retorquiu D. Carlota com jovial sorriso, em nome de Emilia agradeço-lhe tão valiosa oferta.

— E eu, accrescenta Luiz Alvares tomando o papel da mão do joven, quero ainda ver estes versinhos apaixonados.

Manoel dos bons olhos estava no auge do seu enthusiasmo, julgando com effeito que estes elogios eram verdadeiros, curvou-se, fallando baixinho no ouvido de Ernesto:

— Parece-me que a occasião é propicia para...

O joven o comprehendeu, e interrompendo-o, responde, tambem baixinho:

— E' a melhor possível... aproveito os instantes...

— Sr. doutor, balbuciou logo o poeta, eu... eu... queria... fazer-lhe um pedido... mas...

— Oh! Sr. Manoelzinho! tudo quanto quizer... estou ao seu dispôr, redarguiu Luiz Alvares que parecia admirar a poesia que tinha nas mãos, como quem a lia.

— Eu já fallo tudo de uma vez, Sr. doutor... eu... quero ser... esposo aqui... da Exma. Sra. D. Emilia... murmurou o nescio cantor gaguejando.

Houve nova hilaridade na sala.

— Está servido, Sr. Manoelzinho, está servido! diz o medico dando uma risada; porém ha-de ter a bondade dirigir-se á Emilia, e se ella lhe der o *sim*...

— Sr. Manoelzinho, acode logo a moreninha sorrindo, eu não o desejo para esposo, e portanto não me falle mais n'isso.

O poeta, infinitamente contrariado, pegando o chapéo, tornou-se vermelho como um lacre, provocando assim novas risadas dos circumstantes, e apenas poudo articular:

— Sra. D. Emilia...já que V. Exa. me despreza...eu tenho brio n'esta cara, para não mais voltar aqui...

E sem mais nem menos retirou-se precipitado da sala, *vendendo azeite ás canadas* e deixando todos admirados com semelhante procedimento.

Manoel dos bons olhos foi ainda o motivo da conversação entre essas pessoas por alguns momentos, depois do que Emilia indo para o piano, a pedido de Ernesto, ahi executou uma modinha das suas *predilectas*, sendo muito applaudida por Affonso de Mello.

No fim de meia hora o barão se retirára para a hospedaria do Pimenta.

Ernesto fizera proposito de pedir ao velho Simão, no dia seguinte, a dextra de Maria.



CAPITULO DECIMO PRIMEIRO.

Os dois amantes. — João Antonio é accusado perante a justiça. — Morte de Basilio de Carvalho. — Vingança do céo.

São oito horas da manhã.

Epiphanio se acha em companhia de Carolina e com ella conversa amorosamente sobre os factos que já referimos ao leitor, relativos ao rapto da moça, o beneficio que lhe fizera Catharina, a scena a respeito do aventureiro e o generoso desconhecido.

O joven Mattos está quasi curado do seu grave incommodo e sente-se agora muito satisfeito pela presença da linda viuva, que o assegurava de gozal-a livremente dentro de oito dias, não temendo mais o terrivel commendador, o qual já se achava preso e ia ser interrogado n'esse dia, como era publico por toda a cidade, tendo tambem o mysterioso personagem de accusal-o como autor d'um grande crime, o qual ainda não estava no dominio publico.

O amante de Carolina apertava docemente as mãos de sua querida amiga e não se fartava em contemplal-a, dirigindo-lhe doces e ternas expressões.

O dedicado protector de Epiphanio, com as caricias de um pai bondoso, acompanhára a formosa viuva até a casa do joven, fazendo-lhe conhecer que os seus males se haviam acabado e que o hymeneo, esse acto solemne e santo da nossa religião, corôaria seus amourosos e puros

desejos, unindo-se para sempre a aquella cujo retrato se gravára no pensamento do mancebo.

Por mais de uma vez os dois amantes confessáram sua eterna gratidão a esse homem, cuja alma nobre e grande tantos serviços lhes tinha feito.

Fabricio apparecera no quarto do amigo, mas avistando ahi a bella Carolina, retrocedera os seus passos, como se tivesse commettido uma indiscreção: porém Epiphanio o chamou, dizendo-lhe em certo tom de censura:

— Amigo, bem sabes que eu para ti não tenho segredos, e n'uma palavra te digo: que n'este momento tratava com a minha Carolina o dia em que considerat-me-hei o mais feliz dos homens, dando-lhe a mão de esposo.

Fabricio, tendo cumprimentado a moça, disse ao amigo gravemente:

— Eu te felicito e te desejo do intimo do coração as maiores felicidades, e que Deos abeneção o teu consorcio com a amada de tua alma!

Um sorriso de bondade illuminou o semblante da formosa viuva, que responde com voz de ternura:

— Senhor, assaz reconheço a amizade que vota a Epiphanio, e por isso agradeço os obsequios que ha feito ao seu amigo, desejando-lhe todo bem.

O moço inclinou-se com graça e murmurou:

— Nada tem a agradecer-me, senhora; nada, porque cumpro um sagrado dever da gratidão para com Epiphanio.

— Sim, Fabricio, bellamente aprecio o teu character de amigo fiel e dedicado, ajuntou o joven Mattos apertando cordialmente a mão do mancebo.

— Já sabes que João Antonio se acha preso?

— Sim, Fabricio, o meu generoso protector orientou-me d'isso.

— Porém não te disse qual o motivo d'essa prisão?

— Não; só contou-me que o malvado commendador é autor de um crime gravissimo, e que hoje tudo seria patenteado no interrogatorio que o juiz municipal vai fazer ao terrivel homem, interrogatorio que será publico e encherá de psmo os circumstantes de tão importante scena.

— Amigo, os mysterios da vida de João Antonio em poucas horas serão desvendados, e então justificar-se-hão as suspeitas do povo. Muito devemos ao personagem que constantemente tem procurado supplantar o crime, favorecendo aos que soffrem innocentemente.

— E o que será feito do maldito aventureiro? esse vil intrigante, cujas proezas não são estranhas para nós? pergunta Epiphanio com interesse.

— Este tratante, amigo, vai ser processado.

— Ah! e por que motivo?

— Pelo delicto que commetteu em seduzir o carcereiro com a quantia de duzentos mil reis, o qual deu escapula ás quatro testemunhas falsas que contra ti juráram no processo da morte do Sr. Guimarães.

Carolina, ouvindo o nome de seu desgraçado marido, como que sentio involuntario tremor por seus delicados membros; mas o joven Mattos a tranquillizou, ponderando-lhe:

— Querida amiga, para que te agitas assim? não sabes que os decretos da soberana Providencia são incompreensiveis, e que para alcançar-se o bem é quasi sempre depois que o soffrimento nos tem mortificado a existencia?

— Deos sabe o que faz, Epiphanio! murmurou a moça olhando amorosa para o seu amante.

— Amigo, observou Fabricio sorrindo, Deos escreve direito por linhas tortas! é este um verdadeiro axioma

dos antigos: muitas vezes julgamos ver um précipício que nos parece inevitavel, e no entanto o dedo poderoso do Eterno, d'um momento para o outro, o transforma em risonha perspectiva, fazendo-nos com prazer inaudito, enxergar a felicidade. Mas, como te ia contando, Leopoldo fôra denunciado pelo proprio carcereiro, julgando este livrar-se da acção da lei, innocentando-se da provocação que lhe fizera o aventureiro com essa quantia de duzentos mil reis.

— Este maldito, accrescentou o joven Mattos, deve por força pagar as tratantices que tem feito, para assim purgar-se a sociedade de um grande mal, pois que o homem intrigante é uma praga terrivel.

— Eu te deixo, Epiphanio; vou para a casa: ás onze horas irei assistir ao interrogatorio de João Antonio, e o que se passar, tudo te communicarei.

— Sim, amigo, espero que não me faltes.

E Fabricio despedio-se de Carôlina e sahio.

Os dois amantes ficáram a sós e se entregáram novamente ao mais casto e puro amor.

As horas se escoáram para elles rapidamente.

Demos agora um passeio á cadêa da cidade, e vejamos o que ahi se passa.

E' chegado o instante em que o commendador João Antonio deve ser interrogado pelo juiz municipal.

O salão da camara está apinhado de espectadores, os quaes esperavam anciosos o momento desejado.

O magistrado, sentado no tópo da mesa, tendo o seu escrivão ao lado esquerdo, encara com gravidade o malvado homem.

O commedador, todo agitado, mostra na physionomia

o temor d'alma, como se formasse em sua idéa uma horrosa tempestade, que estava prestes a desabar.

Havia um silencio profundo.

O juiz passou os olhos por todo o salão, e fitando depois a João Antonio, disse civilmente :

— Sr. commendador, tenha a bondade de levantar-se e responder-me ás perguntas que vou fazer a V. S.

O malvado capitão obedeceu á ordem do magistrado, mas não encarando-o, abaixou a cabeça.

— Tive hontem uma denuncia formal contra V. S., proseguiu o juiz solemnemente ; e portanto vejo-me forçado a cumprir o dever que a lei me incumbem.

— Senhor doutor, murmurou João Antonio com raiva e desesperação concentrada ; eu sou um homem de importancia n'esta cidade... V. S. bem sabe que tenho inimigos, e essa denuncia é uma mentira que se arma contra mim para me perderem.

— O negocio é muito grave, Sr. commendador, e por conseguinte empregarei todos os esforços para bem averigual-o.

— E' mentira, Sr. juiz! é mentira! exclamou o reverso com furor, sem com tudo olhar para o magistrado.

— Sr. commendador, objectou este alterando a voz, contenha-se e não fale com o respeito ao juiz. Peço-lhe, pois, que só responda ao que eu lhe perguntar.

João Antonio nada disse e curvou a cabeça, sem ter animo de erguel-a.

— O senhor é accusado, continuou o executador da lei gravemente, de ter assassinado um homem lá na sua fazenda... isto ha alguns annos...

O commendador, tremulo e com o rosto tomado de uma convulsão horrivel, balbuciou :

— Eu... eu... oh! é falso! é falso!

E o malvado olhou desvairado para todos os lados do salão, como se procurasse por alguém.

Elle havia tido um pensamento que o desorientava, e resmungou logo entre os dentes o nome de Catharina.

Os espectadores, estupefactos, pareciam impacientes por ouvir o interrogatorio, e observavam o terror de João Antonio.

— Como lhe ia dizendo, Sr. commendador, volveu o juiz no mesmo tom; ha alguns annos, um homem que negociava em ouro e brilhantes....

— E' calúnia! é calúnia, Sr. juiz! articulou o perverso a tremer e a olhar para um lado e outro do salão, como se lhe afigurasse ver a cada instante o semblante de sua caseira, que era a unica pessoa que sabia da sua mysteriosa vida.

— Calúnia! calúnia! Sr. commendador? pois bem, o seu denunciante vai apparecer, e assim deixo de o interrogar. Se tem consciencia de si, não deve temel-o, e justificará a sua innocencia.

E de feito, o magistrado fallando ao escrivão, disse-lhe:

— Faça entrar aqui o accusador do Sr. João Antonio.

O official publico sahio do salão, e no cabo d'alguns minutos voltou em companhia do nosso mysterioso personagem, o qual, decentemente vestido, se apresentou aos olhos do commendador, que, encarando-o um momento, deu um grito horrivel, escondeu o convulso semblante nas mãos e ficou petrificado.

Houve um grande borborinho no salão; mas o juiz chamou á ordem os espectadores. e então o personagem, pedindo licença ao magistrado, chegou-se junto de João Antonio e disse-lhe com voz arrogante:

— Perverso commendador! levanta essa fronte maldita e encara a tua propria victima!

O malvado nada respondeu, mas os seus membros tiritavam d'uma maneira espantosa.

— O denunciante que n'este instante solemne se apresenta diante de ti e do sanctuario da justiça, é aquelle homem que honestamente negociava em ouro e brilhantes, aquelle que algumas vezes passou por tua fazenda, e que um dia o teu punhal de assassino....

— Ah! exclamou João Antonio horrivelmente, como se houvesse perdido o uso da razão e sem olhar para esse homem que o aterrorisava; és tu a sombra de Raymundo de Alvarenga?!...

— Sim, infame commendador! é Raymundo de Alvarenga que, perante a justiça e o povo, veio denunciar os teus crimes, porque és um bandido sanguinario!

O perverso estava n'uma situação horrerosa.

Dir-se-hia que os demonios do inferno o atormentavam, pelas terriveis estorções que fazia.

Houve no salão um confuso *zum-zum* de indignação contra João Antonio; mas o juiz, chamando novamente os circumstantes á ordem; deixou o personagem continuar assim, olhando para o magistrado:

— Senhor, este malvado procurou assassinar-me para apossar-se de minha pequena fortuna, adquirida á custa do meu trabalho...

Os espectadores não puderam conter uma exclamação de colera contra o commendador.

O magistrado não havia pensado que João Antonio tivesse uma alma tão negra, e, pois, ordenou a Raymundo que proseguisse em sua accusação.

— Uma noite em que eu estava de pouse na fazenda d'este bandido, lá, ás horas mortas, senti alguém entrar em meu quarto, trazendo na mão uma pequena lanterna. Le-

vantei-me apressado da cama, receiando que alguém me viesse roubar...

O commendador virou-se hallucinado para a sua victima, como querendo estrangulal-a; mas os policiaes que se achavam ahi por ordem do juiz, chegaram-se a João Antonio e o agarraram pelos braços, evitando assim algum sinistro.

Elle rugio como um tigre, espumando de raiva.

— Sim, Sr. juiz, accrescenta o personagem fitando o seu assassino; eu reconheci logo a este bandido, que immediatamente acommetteu-me, cravando-me no peito um ferro agudo... desfalleci... e quando dei acôrdo de mim, me achava n'um sitio agreste e desconhecido...

Os circumstantes exclamáram a uma voz:

— Oh! malvadeza!

— Mas o dedo de Deos veio em meu soccorro e deu-me força para ausentar-me d'esse lugar, encontrando uma alma caridosa, que me livrou do perigo em que me achava; alguns dias depois retirei-me para longe d'ahi, guardando comigo o crime perpetrado pelo perverso, até que um dia me fosse dado vingar-me d'elle. A hora, pois, chegou e a justiça o punirá...

Um velho respeitavel, curvado pelo peso dos annos, arremando-se ao seu bordão, entrou n'esse momento no sanctuario da justiça, e fazendo uma profunda cortezia ao magistrado, disse solemnemente, com voz tremula e toniada de cansaço:

— Vossa senhoria dá-me licença para dirigir duas palavras a este malvado?

O juiz olhou para o recém-chegado, e, pensando ser outro accusador que vinha sobrecarregar os crimes de João Antonio, respondeu com urbanidade:

— Sim, senhor, permitto-lhe.

O ancião chegou-se junto do perverso commendador e o interroga raivoso :

— João Gregorio ! tu não me conheces ?

Ao som d'essa voz João Antonio levantou um instante a cabeça e recuou alguns passos, dando medonho grito.

Os espectadores ficaram surprehendidos com tão inesperada scena.

— Assassino de minhas mulher e filha ! exclamou o velho com voz alquebrada de dôr ; o sangue que tu derramaste d'essas pobres creaturas, vai ser vingado por Basilio de Carvalho, aquelle que jurou, pela palavra¹ de paulista, exterminar a tua existencia ! Vou commetter um crime, mas não importa, Deos m'o perdoará, porque livro a terra d'este monstro, e então morrerei tranquillo !

E puchando rapidamente de um punhal, ia ferir o perverso commendador ; mas não teve tempo para isso, por que os soldados lhe obstáram a mão convulsa que segurava o ferro, e só pôde articular estas palavras, com voz tremula, como se sentisse n'alma uma dôr intensa :

— Meu Deos ! meu Deos ! faltei ao meu juramento ! perdoai-me ! o sangue derramado de minha mulher e filha... não pôde... não pôde...

E o ancião principiou a soluçar, e no mesmo instante, sentindo as forças o abandonarem, ainda acrescentou com voz extincta :

— Eu... morro... morro... sem que....

E cahio no pavimento, dando um surdo genido.

Logo Catharina tambem appareceu na sala, olhando para João Antonio. Este, parecendo ter já perdido a razão, encarou desvairado a sua *caseira* e deu uma gargalhada secca e prolongada.....

O malvado acabava de enlouquecer ! . . .

Grande confusão reinava no auditorio. Raymundo, pro-

curando soccorrer a Basilio de Carvalho, só encontrou o seu cadaver . . .

Tão grande fôra a dôr que o desditoso velho tivera por ter faltado ao juramento que déra, que succumbio a este justo sentimento !

— Pobre homem ! disse Fabricio de Almeida compungido, pois que havia sido um dos espectadores d'este singular acontecimento ; Deos se compadeça de tua alma !

Catharina asseverou ao juiz ser verdade tudo quanto Raymundo lhe dissera, e que se ha mais tempo não divulgára esse crime, era pelo receio que tinha de João Antonio, mas que havia jurado fazer isso logo que tivesse occasião apropriada, a qual era chegada.

O terrível commendador estava louco furioso e como animado do espirito de Satanaz, dava ainda horribeis gargalhadas, dizendo palavras inintelligiveis e espumando bediondamente.

D'ahi a pouco elle descia escoltado para uma das enxovias da cadêa.

O corpo de Basilio de Carvalho fôra levado para o cemiterio, sendo acompanhado por Fabricio e pelo profector de Epiphania, unicos que conheciam o desgraçado velho.

A justiça de Deos tarda, porém, não falta . . .

O malvado João Antonio havia sido amaldiçoado pelos circumstantes que assistiram a accusação que lhe fizeram Raymundo e Basilio.



CAPITULO DECIMO SEGUNDO.

Desfecho da historia.

Na tarde d'esse mesmo dia, pelas oito horas mais ou menos, em casa do Dr. Luiz Alvares se achava o barão da Rocha-Negra e Ernesto, os quaes conversavam sobre a singular scena, de que vimos de descrever; os tres amigos, que tambem foram testemunhas de tudo, se horrorisaram da malvadeza de João Antonio, e o maldiziam; e quanto á sorte do desgraçado velho Basilio, elles o lastimáram, admirando, no entanto, que esse mysterio só fôra desvendado em occasião que o perverso commendador acabava de ser punido pelo dedo da Providencia.

O medico deixou por alguns momentos os dois amigos na sala, e dirigio-se para dentro, pedindo-lhes licença.

Ouçamos os dialogos que se dão entre ambos.

Ernesto, sentado n'uma cadeira e fumando seu charuto, assim falla :

— Affonso, participo-te que hoje tive o prazer de pedir a mão da formosa Flôr-de-Abril ao velho Simão Rodrigues.

— Sim?

— E o pobre homem ficou tão satisfeito! A boa Luiza e Eugenia pareciam não acreditar em tanta felicidade! elles me patentearam logo as expressões do mais terno reconhecimento.

— Então teu pai deu-te o consentimento para desposa-

res essa menina, Ernesto? interrogou Affonso de Mello como se duvidasse d'isso.

— Lê esta carta.

E o futuro esposo de Maria, tirando do bolso do palitot a carta do barão de P., entregou-a a seu primo.

Este a leu apressado e depois disse:

— E's muito feliz, Ernesto, em teres um pai tão extremoso! Estima esta carta como um dom precioso, e segue á risca os conselhos do autor d'os teus dias; segue o caminho da honra e da virtude, que terás uma vida suave e tranquila; e junto de tua querida Maria o tempo se passará velozmente.

— Sim, Affonso, terei sempre em vista os salulares conselhos de meu pai; procurarei trilhar na senda da honra, esperando de um dia ser um cidadão util ao meu paiz.

— Esses sentimentos, Ernesto, são nobres e proprios de tua alma. Agora vou communicar-te que dentro de oito dias tenho de partir d'esta cidade.

— O que dizes?! perguntou o joven surprehendido.

— A verdade.

— E que motivo ha para deixares tão depressa este lugar?

— Negocios urgentes me obrigam ir á minha fazenda, Ernesto; porém, resta-me ao menos a satisfação de assistir ao teu casamento com a Flôr-de-Abril.

— Obrigado, Affonso, obrigado.

— Lembrei-me dizer-te duas palavras ácerca do vi-gario A. M., padrinho d'essa menina.

— Ah! tu o conheces?

— Hoje foi a primeira vez que o vi.

— Então estiveste com elle?

— Estive esta manhã. E' um excellente homem! sua

palavra, sempre edificante, denuncia a existencia de uma alma pura e virtuosa; é um verdadeiro ministro de Deos.

— Sim, Affonso, é um sacerdote que administra bellamente o seu santo ministerio.

— Um parochio assim, n'este seculo de corrupção, Ernesto, é para admirar-se!

— Oxalá que os seus dias sejam longos para o bem do seu rebanho!

N'esse instante o medico entrava na sala e convidava aos seus hospedes a passarem para a sala de dentro e tomarem o chá que se achava servido, e ahí continuariam a conversação.

Os dois amigos seguiram a Lulz Alvares.

O barão demorára-se até ás onze horas em casa do facultativo, entretido a ouvir a voz doce da *sympathica moreninha*, que tirava sons harmoniosos do piano.

Tendo-se despedido da familia do medico e de Ernesto, dirigia-se para a estalagem do Pimenta.

E passando junto do muro que cercava o quintal da casa em que habitava o velho Simão, pois que esta ficava na esquina defronte, e cujo muro fazia frente para uma rua que atravessava e pela qual chegava-se á da Estrada, Affonso de Mello esbarrou de repente com uma pequena e tosca escada de páo, posta ao longo do muro.

A noite não era escura, e por conseguinte o barão tivera a curiosidade de ver o que isso significava e resolveu esperar ahí alguns minutos, retirando-se a uma pequena distancia; mas no mesmo instante vio um vulto de homem em cima do muro, que parecia segurar a sombra de uma mulher.

Affonso teve um rapido pensamento, lembrando-se de Flór-de-Abril; porém não quiz avançar sem que primeiro se certificasse se com effeito era Maria que o vulto raptava.

Este desceu immediatamente do muro, pegando a sua presa, mas n'essa occasião Affonso se apresentou diante d'elle, tendo em punho uma pistola que a chegou á frente do raptor; dizendo-lhe com voz de stentor.

— Se déres um passo, quem quer que sejas; morres!

E com o maior valor e intrepidez o barão tirou dos braços d'esse homem a neta de Simão, que a havia reconhecido com facilidade pelas fórmas de seu delicado corpo.

— Foge para longe, maldito! se queres evitar a morte! disse Affonso levando a arma ao peito do desconhecido, que desapareceu rapidamente d'esse lugar, murmurando:

— Vão-se os aneis, porém ficão-se os dedos...

O barão levou consigo a pobre Maria, sem lhe tirar o lenço que servia de mordação.

Era o dedo da Providencia que a vinha soccorrer, livrando-a das mãos de Leopoldo de Campos, como o leitor já terá adivinhado em vista do trato que o aventureiro fizera com a Cegonha, a qual executára fielmente o seu plano, illudindo o velho Simão e sua familia, e quando todos já dormiam, ella, entrando no quarto de Flór-de-Abril, tapou-lhe com presteza a bocca, não lhe dando tempo para gritar, e fugio ligeira pela porta do quintal, indo encontrar-se com Leopoldo a alguns passos da casa, havendo este collocado outra escada no muro para o lado de dentro.

A megéra poude esconder-se de Affonso, assim que o avistou junto do ex-professor.

Depois ella desceu cautelosa e sumio-se da rua.

No dia seguinte, ás oito horas da manhã, uma scena de dôr se passava em casa do desventurado Simão.

Eugenia, toda desgrenhada, derramava lagrimas amar-

gas, chamando a cada instante por Maria, e Luiza fazia mil promessas á Virgem Santa para que amparasse a sua querida neta.

Simão soluçava como uma criança e amaldiçoava a Ce-gonha que lhe causára tanto mal.

No cabo d'alguns minutos Luiz Alvares e Ernesto vieram á casa d'essa pobre gente e ficaram na maior estupe-facção vendo a triste scena que se dava; e o amante de Maria, tomado de grande sentimento; interrogou a Simão sobre o acontecido.

O velho orientou-o de tudo, com o coração despeda-çado de angustia.

— Sr. Simão, balbuciou Ernesto como hallucinado, eu não voltarei aqui sem que tenha encontrado a minha que-rida Flór-de-Abril!

E retirava-se pelo corredor, quando avistou o seu amigo barão da Rocha-Negra, que conduzia a galante Maria pelo braço, mostrando no semblante o regozijo de seu bom coração.

Afonso de Mello levou consigo a Flór-de-Abril para a hospedaria do Pimenta; e logo que ella deu acôrdo de si, ficou toda assustada, julgando que esse homem a que-ria perder; mas o barão a socegou, dizendo-lhe que n'ou-tro dia cedo a levaria junto de seus avós. E de feito cum-priu a sua palavra, passando por casa do vigario e scien-tificando-o de tudo, rogou-lhe que o acompanhasse, o que o parochio fez com a melhor vontade, entrando após de Affonso na habitação do velho.

Não podemos com palavras pintar vivamente ao leitor o que sentiram o pobre Simão, Luiza e Eugenia, quando Affonso de Mello lhes apresentou Flór-de-Abril. Então houve uma nova scena de lagrimas, porém estas eram do immenso prazer que sentiam.

Ernesto, não cabendo em si de contente e apertando amorosamente as mãozinhas de Maria, pela liberdade que já tinha em qualidade de seu noivo, perguntou ao barão como se havia passado o facto.

Affonso patenteou-o tal como se tinha dado; e logo o ancião e sua familia o abraçaram como a um desvelado protector.

O parochó que até ahí nada tinha dito, contemplando em silencio os transportes d'esses almas sensiveis, chegou-se para o velho e lhe disse gravemente :

— Senhor Simão, quem livrou a Maria das mãos do raptor foi o seu proprio pai, o senhor Affonso de Mello!

Todos recuaram surprehendidos, e o ancião, tremulo e com o semblante convulso, exclama :

— O seductor de Eugenia?!...

Esta cahio de joelhos, pondo as mãos para o céu e balbuciando :

— Meu Deos! meu Deos! eu não me havia enganado! o coração me adivinhava!

Ernesto segurava no braço de Flôr-de-Abril, como se não acreditasse no que ouvia.

— Commetteu uma acção má, vil e infame, senhor! continuou o pobre Simão no mesmo tom de justa indignação, porque abusou da fragilidade de uma moça leviana que acreditou nas labias da seduccão! O senhor manchou para sempre a honra de minha infeliz e desgraçada filha! Eu não tenho forças para expulsal-o d'aqui, porque acaba de fazer-me um serviço, mas....

E o honrado velho, em silencio, designou ao barão a porta que dava para o corredor da casa, como dizendo-lhe que sahisse para que não mais soffresse com a sua presença.

Porém Affonso de Mello, limpando com um lenço duas

lagrimas que se lhe deslizarão dos olhos e abrindo os braços para Simão, articulou com fiel transporte de sensibilidade:

— Oh! não, não! Eugenia será minha esposa! aqui está o ministro de Deos para abençoar esta união!

Todos ficaram pasmados com este acontecimento inesperado.

— O Ente Supremo ha-de perdoar-me assim o crime que commetti ha quatorze annos; Maria será a filha querida do meu coração, e Eugenia, de hoje em diante, será a baroneza da Rocha-Negra!

— Minha filha baroneza?!... meu Deos! meu Deos!... vossa bondade não tem limites! exclamou Simão cahindo de joelhos e olhando para cima com a alma transbordada de alegria.

— Quem tem fé na misericordia e omnipotencia do Altissimo, ajuntou o sacerdote,solemnemente, cedo ou tarde verá coroados os seus desejos!

Eugenia abraçou-se com Affonso, como se pensasse sonhar; Flôr-de-Abril com Ernesto, julgando ver realizado aquelle sonho do céu; Luiza tambem se pôz de joelhos e agradecia á Santissima Virgem a felicidade que enviava á sua filha e neta.

— Senhor Simão e Sra. Luiza, volve o parochio fazendo levantar os dois velhos esposos; já acreditam que a bondade Ceos....

— Oh! oh! responderam ambos apertando vivamente as mãos sagradas do sacerdote; ao Todo Poderoso agradecemos tantos beneficios!

— Agora cabe-me oriental-os sobre aquella pessoa mysteriosa, que os soccorria por meu intermedio com a quantia mensal de sessenta mil reis.

— Quem é ella, Sr. vigario? quem é esse homem tão generoso? interrogou o ancião fitando o ministro de Deos.

— Virgem Santa! exclamou Luiza; será possível isso?

— A alma beneficente que suavizou os seus soffrimentos, eil-a aqui!

E o vigario designou o barão da Rocha-Negra.

— Meu Deos!... elle?!... exclamáram os dois velhos olhando com ternura para o seu novo filho:

— Elle?! repetiram Eugenia e Flôr-de-Abril com jubilo.

Affonso de Mello nada disse, e apenas deixou ver um sorriso de secreto regozijo do coração.

Luiz Alvares havia sido um mudo espectador de tudo, admirando os altos e incompreensíveis decretos de Deos.

O barão logo fizera ver a Simão que dois casamentos se effectuariam dentro de cinco dias: o seu e o de Ernesto; e então contára ao honrado velho todos os pormenores de sua viagem, concluindo que viera á cidade com o fito de encontrar a Eugenia, para recompensal-a dos seus padecimentos, permittindo a Providencia que elle livrasse sua filha das mãos d'aquelle raptor.

O feliz ancião, novamente ajoelhando, rendeu graças ao Altissimo. Luiza o imitou.

Todos admiráram a alma nobre e generosa de Affonso de Mello.

Era um quadro bello e digno de contemplar-se esse, de que apenas fizemos um ligeiro esboço!

Na noite do mesmo dia outra scena diversa se passava em casa do aventureiro Leopoldo de campos.

Eram nove horas mais ou menos.

Elle, sentado n'uma cadeira, em seu gabinete secreto, illuminado por uma vela, mostrava machinar um novo trama para chegar aos seus desejados fins.

— Foi pena que meu plano, tão bem combinado, abor-
tasse! murmurou elle consigo. Mas aquelle desconhecido... aquelle desconhecido não é outro senão o protector de Carolina, não ha duvida... é o personagem mysterioso, que, semelhante ás corujas, só vaga nas sombras da noite. Porém eu t'o prometto, que hei-de descobrir o teu escondrijo, e então ajustaremos contas... o Peito-Cabelludo e o Feiticeiro me ajudarão, e isto se effectuará em tres dias improrogaveis...

E o aventureiró calou-se um instante, proseguindo depois :

— E o que te parece, Leopoldo, a sorte do teu *amigo* commendador?... dizem que elle está doudo furioso e que faz mil diabruras na prisão... e o caso é que antevejo já um tropeço para realizar a doação que elle me fez... pode apparecer algum interessado da fortuna de João Antonio e prevalecer-se de sua loucura, e assim é bem possivel a nulidade do instrumento publico... o melhor meio que acho é procurar um empenho para com o juiz municipal, pois que lhe cabe tomar conta dos bens do louco, visto não ter este herdeiro algum n'esta cidade. Amanhã irei fallar ao Jacarandá, e acertaremos da melhor fórma possivel este negocio. Mas... oh! diabo! aquelle maldito carcereiro denunciou-me, e eu me acho privado de andar á luz do dia... porém não importa, tenho algum ouro para livrar-me das perseguições da justiça; com tão *grande poder* tudo venceréi! Anda, Leopoldo, tem animo, que....

O ex-professor parou de repente, como se ouvisse bulha de passos na sala de jantar, pois que o seu gabinete era contiguo.

Em cima da commoda, que guardava o seu dinheiro, Leopoldo tinha sempre, pelo seguro, duas pistolas carregadas.

Tomou uma d'ellas e animou-se a abrir a porta para certificar-se do que isso significava, pois que elle mesmo fechára as portas de sua casa, estando na cozinha a sua escrava.

Porém logo que abriu a porta do quarto, encontrou-se com a figura do Capador e de Feiticeiro, que sem mais demora procuráram acommettel-o, armados de faca.

O aventureiro considerou-se então perdido. Para fugir d'esses bandidos, seria infallivelmente roubado; para oppôr-se a que elles não entrassem ahi, corria o perigo de ser assassinado.

Teve uma subita idéa: tomando com prestéza a outra pistola, armou ambas e disse com voz forte, procurando intimidar o Capador:

— Retire-se, Sr. Gonçalo! quando não, rebento-lhe a cabeça com estas armas!

— Vaucê não me abixorna, tratante dos dianhos! responde o bandido terrivelmente; hoje a tua *burra* é cá para o *dégo*!

— Se avançar, morre! grita Leopoldo erguendo a mão direita.

— Ajoelhou no capim! rosnou o bandido chegando-se para o aventureiro.

Este, cheio de terror, disparou a pistola sobre o peito do Capador, que cahio logo no pavimento, dando medonho gemido.

O Feiticeiro desapareceu no mesmo momento do lugar onde se achava, temendo-se de Leopoldo, que acabava de fulminar o seu *parceiro*.

Uma nova figura surgiu de repente adiante do aventureiro.

Este a reconheceu immediatamente, e exclamou estupefacto:

— O mysterioso personagem?!...

— Sim, Sr. Leopoldo, sou Raymundo de Alvarenga; eu passava por sua porta, e ouvindo a explosão d'uma arma; entrei apressado, e aqui lhe digo agora: que tenho seguido todos os seus passos e que sei de sua vida de aventureiro e das tratantices que tem feito, as quaes irá pagar na cadêa, onde já se acha o seu consocio João Antonio.

O ex-professor, animado pelo espirito de Satanaz, tendo derramado o sangue do Capador, ameaçou o personagem, dizendo-lhe com a pistola em punho:

— Uma palavra mais que profira, morre!

Raymundo, com a velocidade do pensamento, tomou-lhe a arma da mão, fazendo-o curvar com seu punho de ferro.

— Vem, maldito! disse com voz arrogante, vem! Para um miseravel como tu, o rigor da lei punirá os teus crimes, *cavalheiro de industria!* Olha, ahi á tua porta te esperam os policiaes.

— Perdão! perdão! murmurou Leopoldo humilhando-se; eu prometto a V. S. sahir d'esta cidade esta noite mesmo...

— Ah! vil embusteiro! tu abusas do poder de Deos... julgavas que....

— Meu bom senhor, responde o aventureiro chorando, perdão... perdão para este desgraçado! Eu sou criminoso, mas esse crime era só o da ambição... queria ter muito dinheiro para figurar no mundo... depois aproveitei-me da loucura amorosa de João Antonio e quiz tomar-lhe a metade de seus bens, do que passou-me uma escriptura de doação; tentei raptar a neta de Simão, e... por amor de Deos, senhor, não me entregue á justiça... não! eu fujo para bem longe e deixarei a senda que até aqui tenho trilhado... Senhor, por amor de Deos... seu coração é grande

e generoso... Dos arrependidos é o reino do céu! e do mal que heiffeito, restar-me-ha o remorso... é uma grande punição!

— Levanta-te, miseravel! eu te deixo. Tu não serás preso, porque livraste a terra d'este monstro que tanto sangue tem derramado. Foge... foge... porém teme a justiça de Deos! ella é infallivel!

E Raymundo sahio apressado da casa de Leopoldo, deixando este no maior terror, vendo diante de si o quadro negro da morte.

Uma hora depois, tendo-se munido de sua roupa e tirado todo o dinheiro da commoda, abandonou a casa, levando consigo a sua preta que tremia de medo do cadaver do bandido

Conclusão.

Oito dias se ha passado.

João Antonio succumbíra na prisão, tendo uma morte horrorosa, como se os demonios o atormentassem na hora extrema do passamento!

O velho Simão Rodrigues, ao saber esta noticia, pediu a Deos que perdoasse os peccados d'essa alma, assim como tambem tinha perdoado os males que lhe havia feito.

O barão da Rocha-Negra e Ernesto Camillo já estavam casados, bem como Epiphanio de Mattos desposára a sua formosa Carolina.

O desconhecido protector do joven explicára-lhe todo o mysterio d'esta historia, dizendo-lhe que seguio os passos do commendador, e que sem difficuldade descobríra o trato

que o aventureiro fizera com aquelle, atraçoando a viuva, e que por isso a livrára da cruel situação em que se achára, apresentando-se terrível aos olhos do malvado, que o tomou por um espectro; e finalmente fez conhecer ao mancebo, que sua vingança contra João Antonio estava satisfeita e que se retiraria para Europa, onde tencionava ir acabar os seus dias em Portugal, sua patria querida; e n'essa occasião scientificou-lhe mais que durante o tempo que morou na cidade de ***, onde negociava em ouro e pedras preciosas, entreteve intimas relações de amizade com Manoel de Mattos, e portanto procurára fazer esse pequeno serviço ao filho d'aquelle que tanto estimára.

Os dois esposos abraçaram o seu protector, protestando-lhe eterna gratidão.

Raymundo conhecia a Basilio de Carvalho, e assim assentáram ambos de em occasião opportuna denunciar o perverso commendador, como de facto fizeram, tendo aquelle em lugar competente explicado ao juiz municipal toda a historia do pobre velho, a qual depois se divulgou pela cidade.

Catharina, havendo-se encontrado com a victima de João Antonio, como sabe o leitor, ficára assombrada, porém Raymundo de Alvarenga a tranquillizou logo que teve tempo para isso, fazendo-lhe conhecer que a mão de Deos o tinha salvado para punir o máo commendador.

A Cegonha, o pai Indá, Feiticeiro e Cabelludo haviam fugido da povoação.

O corpo do Capador fôra encontrado em casa de Leopoldo, que tinha sido arrombada por ordem da policia, cujo cadaver já estava em estado de putrefacção.

Ignoravam na cidade a scena que se déra entre o aventureiro e João Antonio, excepto aquelle velhinho charlatão que ainda guardava o segredo recommendado por Leopoldo.

Cabe-nos aqui dar uma pequena satisfação ao benévolo leitor. Dissemos na primeira parte d'esta novella que os jovens Mattos e Fabricio tinham uma conducta desmoralizada, e que o vicio do jogo e as más companhias os pervertiam; mas elles souberam vencer a si proprios, desde que n'aquella noite em casa do desgraçado Guimarães conheceram o roubo que se fazia, e assim assentáram em trilhar o caminho da honra, abandonando esses vicios da juventude.

Cumpre-nos mais declarar que aquelle mulatinho que mencionámos no capitulo primeiro do segundo volume, era liberto, e que se ajustára em casa do velho Simão para servir á sua familia, mas o deixára logo que o pobre homem se mudára para a cidade. Esse rapaz morava na fazenda do guarda-mór Estevão.

Commetteriamos igualmente uma falta se deixassemos de scientificar aos nossos leitores a maneira pela qual o mysterioso protector de Carolina e do joven Mattos livrára a viuva e Catharina da poder de Leopoldo. Raymundo de Alvarenga, como se sabe, espiava todos os passos de João Antonio; elle, pois, querendo certificar-se de que a formosa viuva se achava no sitio d'este malvado, na tarde d'essa noite em que favorecera as duas mulheres, se havia dirigido ao caminho da fazenda do commendador, procurando alguma noticia que bem o orientasse. Encontrando-se com Dionysio á porta do seu casebre, tratou logo de o interrogar, sempre cauteloso, e teve a felicidade de saber, sem nenhuma difficuldade, o que entre o mendigo Dionysio e Leopoldo se tinha dado, tendo aquelle visto as duas mulheres que passaram indo para a cidade, acompanhadas do aventureiro. Raymundo então, voltando para a cidade e munindo-se de gazúa, apressou-se em frustrar o plano do Leopoldo, alguns instantes depois que este sahira para a casa de Epiphanio.

EPILOGO.

Seis mezes depois d'estes acontecimentos, o bom e honrado Simão já não existia : sua alma tinha voado á mansão dos justos, receber o premio de suas virtudes.

O barão da Rocha-Negra havia-se retirado para a cidade de J., levando consigo a baroneza Eugenia, e a boa Luiza a acompanhou.

Ernesto Camillo tambem se retirára com Flôr-de-Abril para a cidade de V***.

O Dr. Luiz Alvares, sentindo sobremaneira a ausencia do seu primo, escrevia-lhe cartas saudosas, e Emilia, pela mesma fórma, escrevia á sua querida Maria, mandando-lhe um beijo de amiga.

Na vespera da partida do barão, elle fôra á estalagem do Pimenta, e ahi disse a Alfredo que arranjasse suas contas com seu amo, visto como havia feito tenção de favorecer-o, mandando-o estudar em S. Paulo.

O menino ficou nuuto contente, e n'essa mesma tarde, tendo decidido seus negocios com o Sr. Pimenta, foi-se juntar á comitiva de Affonso de Mello.

Apollinario fôra demittido do lugar de subdelegado, *ficando sem a terça* dos bens de João Antonio.

Catharina entregou-se a um carpinteiro, como sua *caseira*.

O Jacarandá não pode haver os seus trezentos mil reis do *fidalgão caipira*, e *encavacou-se* com semelhante falta.

O tenente-coronel e Peçanha não frequentáram mais a Apollinario e retiráram a sua amizade assim que souberam que elle fôra demittido. D'estes *amigos verdadeiros* ha muitos...

Raymundo de Alvarenga contára ao juiz o que Leopoldo lhe havia dito respeito á escriptura de doação, e que esse instrumento deveria ser nullo pela hallucinação de J. Antonio.

A justiça fez a arrecadação d'esses bens, e até essa data ainda não tinha apparecido um só herdeiro que disputasse a fortuna do perverso commendador

Na occasião em que procediam a arrecadação dos mesmos bens, fôra encontrado com pasmo o thesouro falso de João Antonio; porém o juiz, mandando vir uma vela accesa, fez queimar todas as notas, dizendo que seria vergonha para o paiz se se soubesse que um commendador passava moeda falsa... e assim esperava que semelhante factô não se divulgasse.

Este procedimento do magistra do muito o honrava.

João Rodrigues da Assumpção teve grande alegria pela demissão de Apollinario.

O guarda-mór Estevão algumas vezes visitava a Epiphanio, lembrando-se sempre dos celebres acontecimentos que se tinham dado, e que tudo merecia a penna de um romane.

O joven Mattos e Carolina viviam na mais doce harmonia e bendiziam a Deos pela felicidade que gozavam. O pai da formosa moça pouco se importava com o bem de sua filha...

Fabricio era sempre para Epiphanio o amigo fiel e dedicado, tornando-se um optimo advogado.

Manoel dos bons olhos, desde aquella derrota que soffrera de Emilia, nunca mais lá pôzera os pés, mas a mania de fazer versos não o deixava.

O vigario A. M., estando uma tarde a conversar com o Dr. Luiz Alvares ácerca da familia do fallecido Simão, ao concluir essa conversa, disse, apontando para o ceo :

— A soberana Providencia é incomprehensivel em seus altos decretos, mas a sua bondade é immensa !

INDICE.

QUARTA PARTE.


CAP. I. O hotel do Pimenta. — Um hospede titular . . .	5
CAP. II. Os dois amantes. — Um quadro sinistro. . .	14
CAP. III. Horrivel situação. — O soccorro da Providencia . . .	24
CAP. IV. Os dois amigos. — Um plano mallogrado . . .	35
CAP. V. Leopoldo pensa de uma cajadada matar dois coelhos. — Alegria de Carolina. — Mysterio e horror . . .	45
CAP. VI. Leopoldo e o carcereiro. — Nota d'um plano sinistro. . .	55
CAP. VII. O barão incognito. — Amor, melancolia e esperanza . . .	65
CAP. VIII. Uma rixa. — O aventureiro planeja o assassinato do commendador João Antonio . . .	75
CAP. IX. Os dois bandidos; um ajuste terrivel. — Eugenia scisma com o barão da Rocha-Negra. — Regozijo de Ernesto . . .	86
CAP. X. O poeta e a sympathica moreninha . . .	96
CAP. XI. Os dois amantes. — João Antonio é accusado perante a justiça. — Morte de Basilio de Carvalho. — Vingança do céu . . .	105
CAP. XII. Desfecho da historia.	115
CONCLUSÃO	126
EPILOGO	129

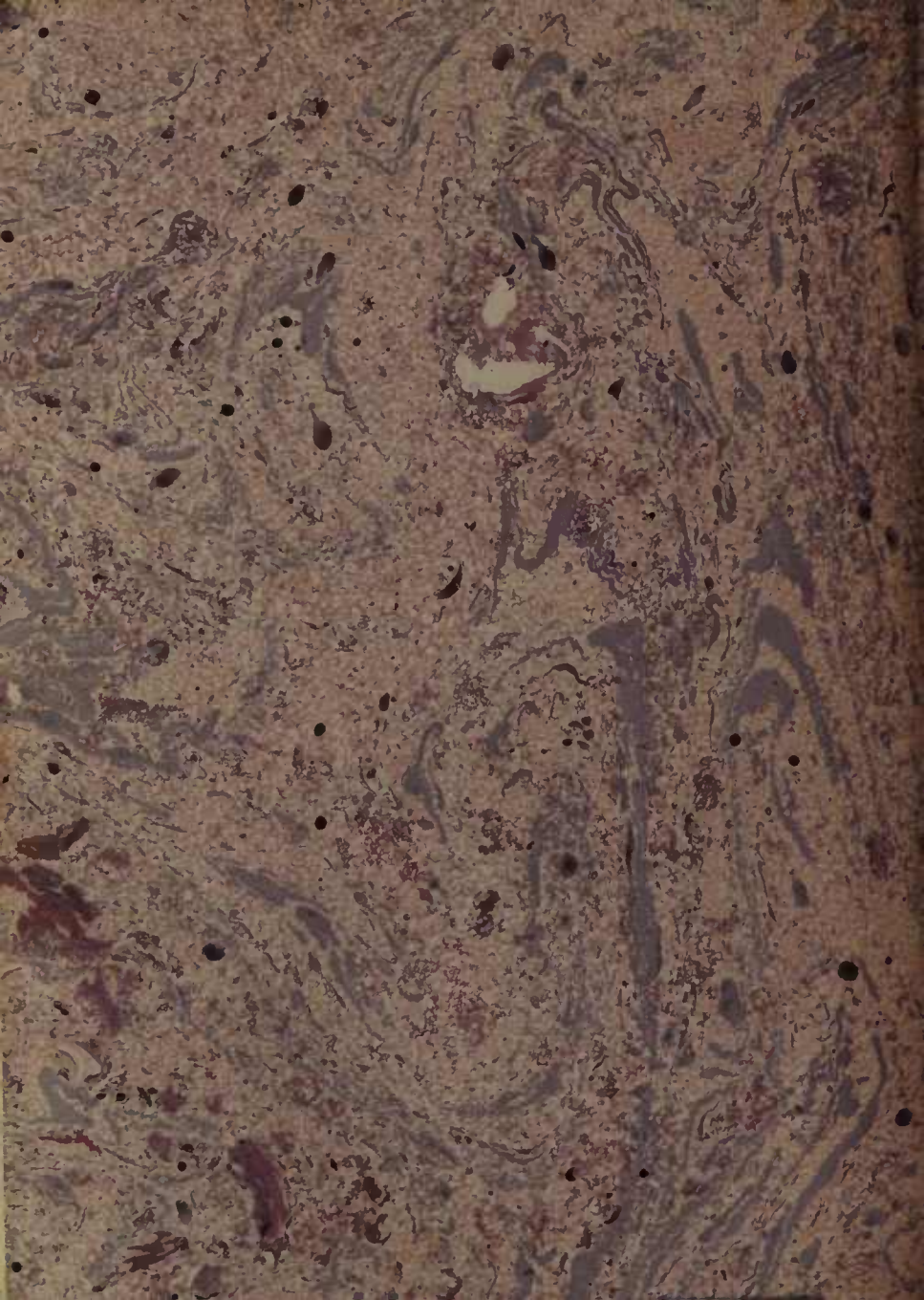
Esta obra continuará com o tilulo —A HERANÇA USURPADA, romance em continuação dos Mysterios da Roça—, e o autor aguarda a decisãõ do illustrado publico para dar principio á historia; mas se essa decisãõ não fôr favoravel ao pobre e humilde escriptor da roça, então elle nada mais escreverá, quebrando para sempre a obscura penna.

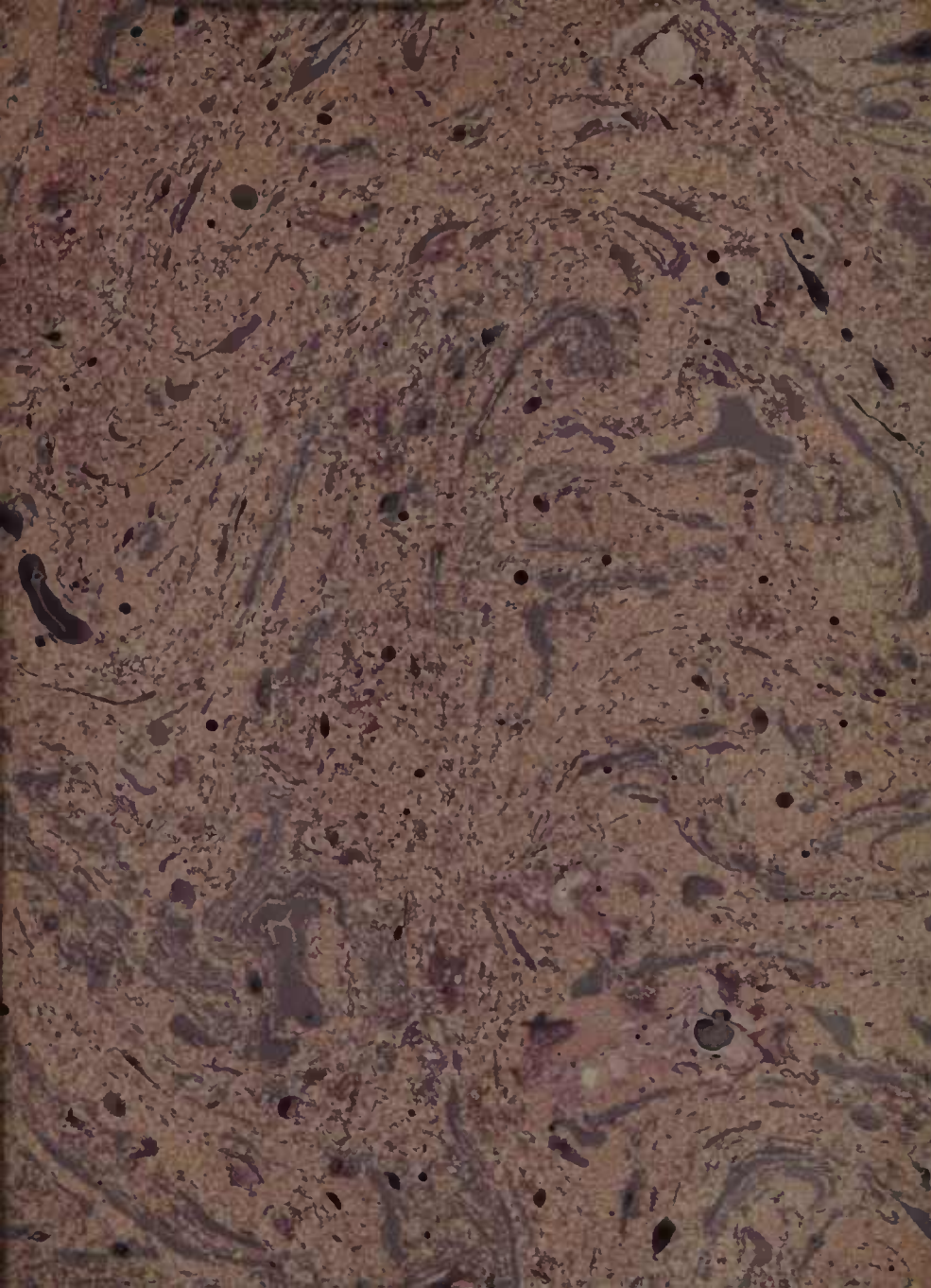
ERRATAS.

		ERROS.	EMENDAS.
Pagina	7	linha 18	—metamorphosando— metamorphoseando.
α	15	α 2	—succederam— succederem.
α	26	α 26	—ouca— louca.
α	39	α 19	—Ho cabo— No cabo.
α	76	α 12	—lenços— lençoes.
α	90	α 12	—embalada— embalado.

Outros erros ainda se encontrão, que a intelligencia do leitor facilmente corrigirá.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).